

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM ENSINO EM
CONTEXTO INDÍGENA INTERCULTURAL
MESTRADO PROFISSIONAL

LUCINDA DO CARMO SIRAYUP KAYABI

NARRATIVAS HISTÓRICAS DO POVO KAWAIWETE /KAYABI EM JUARA-MT:
UMA PRODUÇÃO NA EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA

BARRA DO BUGRES-MT

2024

LUCINDA DO CARMO SIRAYUP KAYABI

**NARRATIVAS HISTÓRICAS DO POVO KAWAIWETE /KAYABI EM JUARA-MT:
UMA PRODUÇÃO NA EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA**

Dissertação de Mestrado aprovada no Programa de Programa de pós-graduação *stricto sensu* em ensino em contexto indígena intercultural da Universidade do Estado de Mato Grosso, para obtenção do título de Mestre em Ensino.

Orientadora: Profa. Dra. Waldinéia Antunes de Alcântara Ferreira

BARRA DO BUGRES-MT

2024

Ficha catalográfica elaborada pela Supervisão de Bibliotecas da UNEMATCatalogação de Publicação na Fonte. UNEMAT -
Unidade padrão

Kayabi, Lucinda do Carmo Sirayup.

NARRATIVAS HISTÓRICAS DO POVO KAWAIWETE /KAYABI EM JUARA-MT:
UMA PRODUÇÃO NA EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA / Lucinda do Carmo
Sirayup Kayabi. - Cáceres, 2024.
Of.: il.

Universidade do Estado de Mato Grosso "Carlos Alberto Reyes
Maldonado", Ensino em Contexto Indígena Intercultural/BBG-PPGECII
- Barra do Bugres - Mestrado Profissional, Campus Universitário
De Barra Do Bugres "Deputado Renê Barbour".

Orientador: Profa. Dra. Waldinéia Antunes de Alcântara
Ferreira.

1. Prática pedagógica. 2. Contação e Narrativas históricas. 3.
Literatura Indígena. I. Ferreira, Profa. Dra. Waldinéia Antunes
de Alcântara. II. Título.

UNEMAT / MTSCB

CDU 930.85

LUCINDA DO CARMO SIRAYUP KAYABI

**“NARRATIVAS HISTÓRICAS DO POVO KAWAIWETÉ EM JUARA-MT: UMA
PRODUÇÃO NA EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA”**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ensino em Contexto Indígena Intercultural – PPGECH - da Universidade do Estado de Mato Grosso CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO, *Campus* Univ. Dep. Est. “Renê Barbour” – Barra do Bugres - MT, como requisito obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Ensino em Contexto Indígena Intercultural.

Aprovado em: 11 de março de 2024.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **WALDINEIA ANTUNES DE ALCANTARA FERREIRA**
Data: 23/03/2024 07:34:20-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Waldinéia Antunes de Alcantara Ferreira -UNEMAT
Orientador(a)

Documento assinado digitalmente
 **MONICA CIDELE DA CRUZ**
Data: 11/03/2024 19:55:01-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Monica Cidele da Cruz - UNEMAT
Examinadora Interna

Documento assinado digitalmente
 **AGUEDA APARECIDA DA CRUZ BORGES**
Data: 14/03/2024 11:09:53-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Águeda Aparecida Da Cruz Borges-UFMT
Examinadora Externa

DEDICATÓRIA

Venho aqui fazer a minha dedicatória em especial ao meu povo Kawaiwete da aldeia *Tatuy*, e aos estudantes com quem, durante esse período de estudos, compartilhei o prazer de ouvir e sentir os momentos, que foram muito satisfatórios durante o processo da pesquisa. Foram momentos de muita conversa e diálogo com anciãos e anciãs, e algumas das lideranças da minha aldeia.

Dedico com muito carinho e respeito aos anciãos e às lideranças que contribuíram nas histórias: Kanísio Kayabi, Moacir Kawit Kayabi, Luciano Tamaná Kayabi, e as minhas queridas anciãs, mulheres guerreiras por quem tenho muito carinho, Maria Brites Kunjasage Kayabi, Katu Kayabi e a minha querida avó, Katarina Katumait.

Minha avó nasceu no Batelão e participou de muitos *Jowosi*. É uma artesã que fiava o algodão e fazia redes, conhece e sempre ensinou o artesanato, a produção de cuias e o manejo das nossas plantações: milho, amendoim, cará, mandioca. Minha avó é conhecedora dos nossos alimentos *kawim*, *kanapé*, *mutap*, entre outros. Hoje com mais de 90 anos, tem momentos de lucidez e de esquecimentos... Há uma lucidez principalmente nos assuntos antigos. Na aldeia *Tatuy* vi minha avó dançar o *Pyta Pyta* com as outras anciãs. Ainda hoje a ouço cantar, entoa na língua materna os cantos do *Jowosi*. Canta o canto da cutia, o *akusi*.

Avó Katarina Katumait



Fonte: acervo da autora, 2023.

Dedico este trabalho aos anciãos e às anciãs, porque eles representam a ancestralidade da nossa cultura, eles são aqueles que fazem as nossas narrativas históricas a partir da vivência e da presença viva na nossa aldeia.

Uma presença que não se apaga, mesmo que o cosmo do universo dos espíritos chame de volta... Com saudade e muito carinho, demonstro meus sentimentos e reconhecimento à contribuição feita nesta pesquisa pela senhora Maria Brites Kunjasage Kayabi. Dela ouvimos

as suas histórias, dela aprendemos suas memórias... Ouvir as histórias que são vivências, cosmologias de meu povo, é de grande importância e fortalecimento da nossa identidade Kawaiwete.

Aprendemos que a vida, a cultura, a cosmologia se fazem presentes todos os dias, mesmo que haja modificações, somos Kawaiwete em constantes transformações e aprendizagens.

Dedico a eles e a elas essas linhas produzidas coletivamente, com as histórias, as memórias e as escritas de estudantes e desta pesquisadora.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus, por me dar força e sabedoria de prosseguir na minha caminhada. Também agradeço a todos da minha aldeia *Tatuy*, e o carinho e respeito de anciãos e anciãs que fizeram contribuições significativas para esta pesquisa, para que este resultado saísse do papel.

Aos estudantes que tiveram comprometimento com as atividades durante a pesquisa, pois foi com eles que surgiram as escritas das histórias narradas pelos anciãos: Analu Jurukatu Kayabi, Fabiele Kayabi, Karine Myau Kayabi, Joicilene Yuwikatu Francisco, Gislen Kwasiari Jurukatu, Edson Poias Kuasiari, Maicon Junior Jurukatu Kwasiari, Tailon Junior Jurukatu e Diogo Mairaiup Mani Kayabi.

Agradeço aos meus pais, Maria Suzana do Carmo Kujajup e José Ricardo Sirayup Kayabi, aos meus filhos, Luan Sirayup Mani e Arthur Sirayup Mani, e ao meu esposo, Anderlei Mani da Silva, que, durante o período de estudo, sempre cuidou com muita atenção de nossos filhos. Também contribuiu e me incentivou nos momentos que me sentia desanimada.

Em especial à minha orientadora, Waldinéia Antunes de Alcântara Ferreira, pois, por muitas vezes, enfrentamos desafios: eu indo até ela, e ela vindo até minha aldeia para fazer as orientações, as quais foram de muito aprendizado, que levarei para sempre comigo. Mulher de muita coragem e dedicação a tudo o que faz.

Agradeço ainda ao Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Ensino em Contexto Indígena Intercultural da Universidade do Estado de Mato Grosso, pois proporcionou uma grande oportunidade para o meu aperfeiçoamento, tanto pessoal quanto profissional.

Durante esse período de estudos, não fui bolsista, nem estive afastada das minhas atividades profissionais, uma das características do mestrado profissional. Porém, com apoio e diversas ajudas, consegui chegar até aqui.

Agradeço às pessoas que compuseram a banca de avaliação da dissertação e do produto, porque sei que me ajudaram a melhorar o meu trabalho, contribuindo com apontamentos e orientações que foram de grande importância.

Muito obrigada!

RESUMO

O estudo faz uma reflexão de uma prática pedagógica com as narrativas históricas do povo Kawaiwete do município de Juara/MT. O objetivo é compreender as histórias Kawaiwete através da escuta aos anciãos, junto aos alunos da Escola Estadual Indígena de Educação Básica Juporijup, produzindo um espaço de contação de histórias e produção de narrativas dessas histórias. Desse modo, pretendemos fortalecer a cultura, possibilitar a aprendizagem da escrita alfabética e do gênero textual narrativa. A metodologia da pesquisa é qualitativa, do tipo etnográfico e participante, os colaboradores são os anciãos e anciãs e os estudantes do 2º e 3º ano do Ensino Médio da referida escola. Compreendo que desenvolver atividades pedagógicas que produzem o encontro de gerações em ambiências de diálogo e narrativa de histórias do povo encontra os objetivos deste trabalho, ao mesmo tempo que auxilia os estudantes na produção da pesquisa e na visibilidade da literatura indígena. O resultado desta pesquisa são as produções escritas e reescritas dos estudantes, o processo de aprendizagem constituído durante a pesquisa e a organização do produto educacional “Narrativas Históricas Kawaiwete”.

Palavras-chave: Prática pedagógica. Contação e Narrativas históricas. Literatura Indígena.

YMOJOTYKAP

Koa jemoja'jap yapau amũ jare'y eu'awamũ esage pedagógica morogyta iapaawera rupi jane pytuna Kawaiwete ramũ amunawipewat Juara MT. Sikwaap esage morogytaa Kawaiwete awi yanupa iymana wi. Ojemu'e ma'e 'ga retee jemu'eawa pype imoaaina morogytaa narrativa. Aga morogytaa orefuwet are ipyyka imonuakaa jane wama'e are possibilitar ojemojou ikwasia e do gênero textual narrativa. A metodologia ekaeripy é qualitativa do 2º e 3º kwat myterimũ ojemo'e ma'e Estadual Indígena ajemu'e ma'e Básica Juporijup ikwaapa esage iapopyt pedagógicas ojuekoa ta'yra ambiencia oje'ga narrativa morogytaa jane pytuna ekoaa os objetivos 'aga morowykya ojemu'e ma'e imuaina visibilidade da Literatura Indígena.

Palavras-chave: Prática Pedagógica. Contação e Narrativas históricas. Literatura Indígena.

RESUMEN

Este estudio reflexiona sobre una práctica pedagógica con las narrativas históricas del pueblo Kawaiwete en el municipio de Juara/MT. El objetivo es comprender los cuentos Kawaiwete a través de la escucha, con los mayores, junto con los escolares, produciendo un espacio para la narración y la producción de narrativas de estos cuentos, permitiendo el fortalecimiento de la cultura, el aprendizaje de la escritura y el género textual narrativo. La metodología de la investigación es cualitativa, etnográfica y participativa, los colaboradores son ancianos y ancianas y estudiantes de 2º y 3º año de secundaria de la Escola Estadual Indígena de Educação Básica Juporijup. Entiendo que desarrollar actividades pedagógicas que acerquen a generaciones en ambientes de diálogo y narración de los pueblos es posibilitar el fortalecimiento cultural al mismo tiempo que ayuda a los estudiantes de secundaria a practicar la escucha y la escritura, produciendo literatura a través de la investigación indígena.

Palabras clave: Práctica pedagógica. Narración y Narrativas Históricas. Literatura indígena.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Terras Indígenas em Juara e Tabaporã.....	18
Figura 2 – Transcrições dos áudios gravados no celular.....	20
Figura 3 – Organização de textos: escrita e reescrita	21
Figura 4 – Foto após a entrevista com o ancião Kanísio	22
Figura 5 – Livro produzido pelos estudantes	23
Figura 6 – Diálogo com o senhor Kanísio, ancião e liderança Kawaiwete.....	27
Figura 7 – Katu Kayabi, anciã e mulher liderança Kawaiwete	29
Figura 8 – Maria Brites Kayabi.....	33
Figura 9 – Explicações do senhor Moacir	34
Figura 10 – Filme Xingu	41

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	CAMINHOS METODOLÓGICOS: A VIVÊNCIA DA PESQUISA NA ALDEIA TATUY, NA TI APIAKÁ-KAYABI	17
2.1	Caminhos construídos em coletividade na aldeia <i>Tatuy</i>	19
3	NARRATIVAS HISTÓRICAS DO MEU POVO	24
3.1	Os velhos e as narrativas das histórias do povo.....	24
3.2	Narrativas sobre a língua materna na aldeia <i>Tatuy</i>	31
4	A EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA E A PRÁTICA PEDAGÓGICA COM NARRATIVAS HISTÓRICAS	37
4.1	Educação escolar indígena: trazendo os saberes Kawaiwete	37
4.1.1	<i>O filme Xingu trabalhando histórias e memórias</i>	<i>40</i>
4.1.2	<i>A história da Cachoeira Sagrada</i>	<i>45</i>
4.1.3	<i>A história da origem dos alimentos e da roça</i>	<i>46</i>
4.1.4	<i>A história da vinda do Batelão, a construção da aldeia Tatuy e as primeiras famílias.....</i>	<i>48</i>
4.1.5	<i>Festa tradicional Kawaiwete: Jowosi</i>	<i>50</i>
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
	REFERÊNCIAS	57

1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação faz parte da pesquisa de pós-graduação *stricto sensu* em Ensino em Contexto Indígena Intercultural (PPGECII) da Universidade do Estado de Mato Grosso e tem como objeto de estudo as histórias do povo Kawaiwete¹.

Histórias são ensinamentos e fazem parte da nossa cultura. Ouvir histórias faz parte da minha infância: eu as ouvi dos meus avós e passei a contá-las aos meus filhos e na escola, quando iniciei minha função de professora.

Portanto, este estudo é influenciado pelas vivências das narrativas históricas da infância e das ações de ensino que se iniciaram bem antes do curso de mestrado, quando assumi, em 2010, a função de professora da Escola Estadual Indígena de Educação Básica Juporijup, na aldeia *Tatuy*² – povo Kawaiwete.

De início, assumir a sala de aula de alfabetização foi um desafio, e desde esse momento já trabalhava as histórias do nosso povo. A oralidade sempre esteve bem forte no trabalho com as crianças, e as histórias mais comuns eram aquelas presentes nos cantos e as que envolviam a natureza.

As histórias trabalhadas fazem parte das vivências e das cosmologias Kawaiwete. É um jeito nosso de trabalhar com as crianças sempre a partir da Educação Indígena, da educação do nosso próprio viver. Compreendo que a Educação Indígena está presente nos ensinamentos e nas nossas vivências dentro da cultura. Já nasce com a gente que é indígena, pois, desde pequenos, aprendemos a ouvir os ensinamentos e o respeito com os mais velhos. Aprendemos a ouvir os conselhos e sobre a nossa forma de viver; assim, sentimos e ouvimos as palavras.

As vivências fazem parte da vida cotidiana. Por exemplo, quando um menino sai com seu pai para acompanhar uma caçada ou uma pescaria, aprende habilidades de caçador e de pescador, bem como sobre a natureza e o respeito com a natureza, a água, a mata, sobre como andar na mata. Aprende ainda a escutar a natureza, os barulhos da mata, e ouve as histórias de caçadas e pescarias. Ele aprende também a reconhecer os lugares

¹ A palavra “kawaiwete”, apesar da sonoridade aberta, não é acentuada como na língua portuguesa, pois sua pronúncia e escrita fazem parte do vocábulo da língua Kawaiwete, da família linguística tupi-guarani, tronco tupi.

² Na língua portuguesa, escreve-se “aldeia Tatuí”; no entanto, em língua Kawaiwete, escreve-se “*Tatuy*”, e assim será assumido em todo o texto. Na minha dissertação, vou utilizar a forma como se escreve e se pronuncia o nome da aldeia originalmente, que é como deveria estar no registro. Essa decisão se insere no desejo e na visão de fortalecer a nossa cultura e a língua materna do meu povo. Registrar essa forma de escrita na dissertação é decolonizar a escrita e possibilitar que outras pessoas possam conhecê-la.

para caça e tipos de caça e de pesca, como a pesca do timbó. O mesmo ocorre quando a menina ouve as histórias e a orientação de sua mãe ou avó sobre como fazer um artesanato, como preparar um alimento, ensinamentos sobre os cuidados com a natureza, o modo de fazer o cultivo dos alimentos e os tempos que indicam como plantar. Tudo o que está relacionado a vivência na aldeia, a forma como acontece no cotidiano, faz parte da Educação Indígena.

Muitas dessas aprendizagens da Educação Indígena, de maneira intercultural, acabam também fazendo parte da educação escolar indígena, não como vivência, mas como produção de texto, desenhos; às vezes, participamos também das atividades coletivas da aldeia. Porém, é a oralidade que significa a forma de alfabetizar, porque as crianças aprendem muito pela escuta.

Além da própria Educação Indígena, que subsidiou o desenvolvimento de ações da docência, o movimento de ser professora possibilitou a participação em projetos de educação. Assim, como professora dos anos iniciais, fiz e faço parte do projeto “Novos Talentos” e do projeto “Saberes Indígenas na Escola”, que também auxiliaram no aprimoramento dos trabalhos com o gênero das histórias. Com os estudos do projeto, no contexto da alfabetização e escrita de textos, produzimos dois livros junto à comunidade e aos estudantes, intitulados “Práticas pedagógicas interculturais Kawaiwete”, que tem um repertório de histórias do povo Kawaiwete, e a “Cartilha Kawaiwete”, que atende à alfabetização com textos sobre elementos da cultura.

A partir de 2014, comecei a trabalhar no Ensino Médio. Então, fiquei bastante envolvida e senti a necessidade de aprofundar os estudos para melhorar a prática pedagógica. Fiz o curso de Letras na modalidade de Ensino a Distância (EAD), pelo Centro Universitário Internacional UNINTER, no polo do Município de Juara/MT. Essa modalidade de ensino possibilitou a continuidade dos estudos, além de ser uma forma de ajudar a escola da aldeia Tatuí, pois não havia ninguém com formação em Licenciatura em Letras e Língua Portuguesa.

Como professora da escola, dividi a formação em EAD com a formação continuada do Projeto Ação Saberes Indígenas na Escola, e participei das etapas intermediárias da FAINDI, que aconteceram na minha aldeia. Além destes, participei de outros projetos da Unemat, do campus de Juara/MT, como a Mostra Científica de Povos Tradicionais, Quilombolas e Indígenas do Estado de Mato Grosso. Todas essas ações da minha profissionalidade docente estiveram permeadas pelas histórias do meu povo.

A escolha por trabalhar a temática narrativa de histórias na escola considerou os costumes e as tradições do povo Kawaiwete, uma vez que há muito tempo os ancestrais do nosso povo já contavam histórias, e isso tem se modificado. Antes, todos se reuniam para ouvir as histórias contadas pelos mais velhos; atualmente, elas estão nas famílias, mas algumas delas já não falam dessas histórias com frequência. Supomos que esse comportamento das famílias, ao diminuírem a contação das histórias, esteja ligado ao fato de que a nossa comunidade foi contemplada com o programa “Luz para Todos”, o que trouxe vários benefícios, mas também modificou a vida na aldeia.

Com a chegada da energia e das tecnologias informatizadas à aldeia, houve melhorias no acesso a comunicação via e-mail e na utilização do WhatsApp, além de abrir a oportunidade para que diversas pessoas se aperfeiçoassem nos estudos. Atualmente, por conta da energia e da internet, há contribuição para que as pessoas da comunidade mostrem e falem da nossa cultura. Também nos inserimos de modo mais fácil nas manifestações pelos direitos, utilizando alguns meios de comunicação pelas redes sociais, além de conhecer as diversidades de culturas existentes na sociedade. Com a tecnologia, podemos acompanhar notícias em tempo real, levando as nossas vozes a ecoarem o mais longe possível, reivindicando por nossos direitos.

Vale lembrar que, logo de início, na escola, nós professores e professoras não tínhamos acesso direto à internet – e principalmente, aos e-mails –nem com o uso dos aparelhos tecnológicos. Conseguir melhorar essa situação foi uma luta: somente em 2018 a Escola Estadual Indígena de Educação Básica, juntamente com a comunidade, conseguiu sinal de internet. Como só havia sinal em um único lugar, todos os professores, professoras e demais pessoas da comunidade acessavam a internet em um só ponto. Com o passar do tempo e a partir de conversas com lideranças e cacique da comunidade, surgiu um projeto para uma rede de distribuição do sinal de internet, facilitando assim a comunicação.

Outro ponto importante também é que os estudantes estão acessando e usando aparelhos tecnológicos, sabendo manuseá-los. Alguns deles têm representatividade nos meios de comunicação, levando e trazendo informações para a nossa aldeia e o território todo. Esses são pontos importantes e interessantes que resultaram da chegada da energia na aldeia.

Ainda assim, é preciso ter os cuidados e orientações quanto ao uso dos aparelhos tecnológicos, tanto para jovens e crianças quanto para todos da comunidade, para que não haja problemas, afetando o modo de vivência na aldeia no que se refere a cultura,

costumes e tradição do povo. Nesse sentido, é importante que a escola também faça uso das tecnologias e que possa contribuir para que essas narrativas de histórias não se percam. Dessa forma, a instituição escolar pode se aliar aos meios tecnológicos e ser um espaço de manutenção dos saberes.

Por outro lado, é preciso haver uma reflexão no coletivo, juntamente com demais professores e professoras, pais e lideranças da aldeia, para a discussão da importância das práticas culturais do povo. Manter e fortalecer o envolvimento de anciãos e anciãs da aldeia é fundamental. Precisamos saber o que queremos e o que vamos ensinar, assim como o motivo pelo qual queremos esse modo de ensino. Logo, isso precisa ser refletido no coletivo, no espaço da escola. É preciso produzir um currículo da educação escolar indígena ouvindo a opinião de todos, o que deve se fortalecer cada vez mais na cultura Kawaiwete.

Como professora do Ensino Médio, considere que as histórias poderiam contribuir com a aprendizagem da cultura e da escrita em língua portuguesa, uma vez que compreendo a importância delas para o nosso povo. Nesse sentido, a escola pode se aproximar mais da cultura, criando uma ambiência para contar essas histórias.

Assim, questiono: a aprendizagem do gênero textual “narrativa” através das escutas das histórias dos anciãos pode ser uma forma de fortalecer a cultura e a aprendizagem da escrita? Qual a importância das narrativas históricas na educação escolar indígena para o povo Kawaiwete/Kayabi? Como os estudantes podem aprender as narrativas históricas e registrá-las utilizando variadas formas tecnológicas?

A pesquisa teve como objetivo geral compreender as histórias Kawaiwete/Kayabi através da escuta aos anciãos, junto com os alunos da escola. Com isso, buscou produzir um espaço de contação de histórias e de produção de narrativas dessas histórias, permitindo o fortalecimento da cultura e a aprendizagem da escrita e do gênero textual narrativa

Como objetivos específicos, pretendeu-se:

- i. criar ambiência para a contação de história;
- ii. fazer uma agenda com os/as alunos/as e anciãos para ouvir as histórias;
- iii. registrar as narrativas históricas com escrita, desenhos, fotos;
- iv. despertar a curiosidade dos/as alunos/as nas atividades e na aprendizagem da cultura;

- v. fortalecer a escuta e o respeito pelos anciãos e anciãs, trazendo o ensinamento e o conhecimento do povo, juntamente com a aprendizagem da escrita e o uso do gênero textual narrativas que comunicam a cultura.
- vi. incentivar os/as alunos/as a produzirem um livro de histórias;
- vii. apresentar o livro para a comunidade, de forma a ser um registro que fique na unidade escolar, sendo um material pedagógico para ser trabalhado com outras turmas.

A pesquisa é qualitativa, do tipo etnográfico e participante, e foi desenvolvida com os estudantes do Ensino Médio da Escola Juporijup.

Apresento uma síntese de como está organizada a minha dissertação, que se inicia por este primeiro capítulo introdutório. Assim, faço a apresentação da minha trajetória na docência e como foi que cheguei a ingressar no mestrado intercultural indígena do PPGECH/Unemat – Barra do Bugre/MT. Destaco a importância da escolha da temática, o lugar da Educação Indígena como mobilizadora das narrativas históricas Kawaiwete na escola, considerando os costumes e as tradições.

No segundo capítulo, apresento os caminhos metodológicos: a vivência da pesquisa na aldeia *Tatuy*, na Terra Indígena Apiaká-Kayabi. Assim, destaco a forma como aconteceram os primeiros momentos, quando se deu início à pesquisa. No terceiro capítulo, trago as narrativas históricas do meu povo. Na sequência, o quarto capítulo aborda a educação escolar indígena e a prática pedagógica com narrativas históricas.

2 CAMINHOS METODOLÓGICOS: A VIVÊNCIA DA PESQUISA NA ALDEIA TATUY, NA TI APIAKÁ-KAYABI

Neste capítulo, apresento o tipo de pesquisa realizada na aldeia *Tatuy*, junto aos anciãos, com as narrativas das histórias e o trabalho pedagógico com os alunos do Ensino Médio.

A aldeia *Tatuy* fica na Terra Indígena Apiaká-Kayabi, em Juara/MT, a qual foi homologada pelo Governo Federal no ano de 1991, tendo uma área com 109.245 hectares. Essa área traz grandes benefícios para as comunidades, pois conta com fartura na caça e na pesca, sendo um território rico em recursos naturais, como as castanheiras, que são frequentes no território. Além das castanheiras, há materiais artesanais que são retirados para diversas confecções de artesanatos, pois o meu povo já percorria esse território há muitos anos, em busca de materiais artesanais e de caça e pesca. É nesse território que a pesquisa foi desenvolvida, especificamente, na aldeia *Tatuy*, lugar onde moro.

Atualmente, temos várias aldeias espalhadas no mesmo território, sendo a aldeia *Tatuy* a maior de todas elas, conhecida como aldeia central. As outras aldeias são *Kawaiip*, Flor da Terra, *Itamait*, Vale Verde e *Ytu Cachoeira*, e se caracterizam como aldeias pequenas, formadas por alguns grupos de familiares. Essas aldeias têm o objetivo de ocupar cada vez mais o território Kawaiwete. Somando as pessoas nessas pequenas aldeias, a população é de aproximadamente 132 habitantes. Entre esse grupo de aldeias, a *Ytu Cachoeira* é a que fica mais distante da aldeia central, a 170 km.

O nome da aldeia tem um significado na língua de origem do meu povo: a palavra *Tatuy* significa “peixe”, uma espécie que parece um tatuzinho, sendo essa grafia na nossa língua. Porém, os brancos pronunciam e escrevem Tatuí, e essa foi a forma de registro da aldeia. Também já fomos chamados pelos brancos de Kayabi, mas somos o povo Kawaiwete.

O nome *Kayabi* foi colocado pelos não indígenas, mas o nome original é *Kawaiwete*, que significa marimbondo brabo. Nós somos como esse marimbondo, se tivermos algum conflito, algum problema que ameace o nosso povo, todos nós vamos defender o povo e os nossos direitos (MARAIUP, 2016, p. 10).

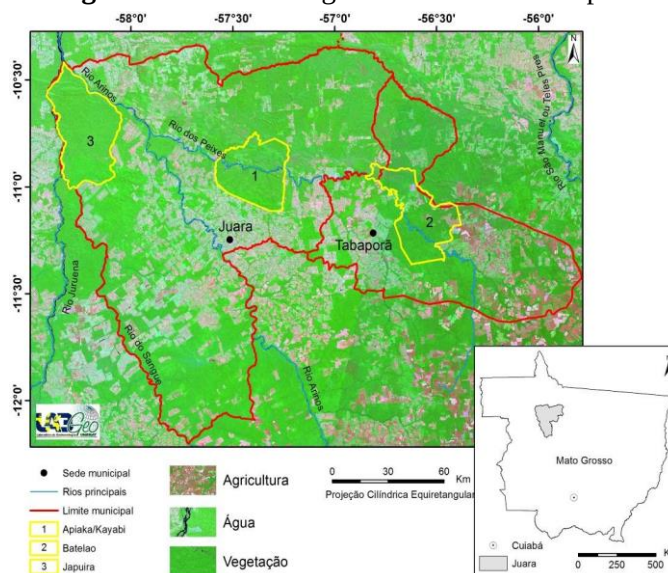
A população atual da aldeia *Tatuy* é de 273 pessoas, mas no total somos aproximadamente 443 pessoas. Este representa o total da população do povo Kawaiwete somente do território da Terra Indígena Apiaká-Kayabi, incluindo as demais aldeias que são ocupadas pelos Kawaiwete. A nossa cultura é bastante forte, praticamos a pintura

corporal e as danças, e contamos as nossas histórias para as crianças, passando-as de geração em geração.

Nossa língua é Kawaiwete, conhecida como kayabi, da família linguística tupi-guarani, pertencente ao tronco tupi, conforme o Instituto Socioambiental (ISA). Na aldeia *Tatuy* há alguns falantes mais velhos e adultos; entre os jovens, alguns também falam; já das crianças, são poucas que entendem, porém não falam essa língua.

O estudo tem como colaboradores principais anciãos e anciãs que residiram na Terra Indígena Batelão (nossa terra originária), lugar onde nasceram e tiveram suas vivências no território, e que atualmente residem na aldeia *Tatuy*, às margens do Rio dos Peixes. O mapa da Figura 1 mostra as terras indígenas nos municípios de Juara e Tabaporã, que concentram a história do povo Kawaiwete, nas Terras Indígenas Batelão e Apiaká-Kayabi.

Figura 1 – Terras Indígenas em Juara e Tabaporã



Fonte: Ferreira, 2014.

O Batelão é considerado pelo meu povo como nossa terra originária, e a Terra Indígena Apiaká-Kayabi é onde estamos vivendo, localizada a 53 km do município de Juara/MT. Nessa terra indígena (TI) vivem três povos: Apiaká, Kawaiwete e Munduruku. Ainda que estejam no mesmo território, cada povo tem seus costumes e suas vivências em suas aldeias.

No tópico que segue, descrevemos a aldeia onde desenvolvemos a pesquisa.

2.1 Caminhos construídos em coletividade na aldeia *Tatuy*

O estudo foi desenvolvido de forma colaborativa com as pessoas da comunidade, anciãos, estudantes, e tratou das narrativas históricas que, na escola, formam a literatura Kawaiwete. Quando a apresento de forma colaborativa, faço isso porque houve a participação de pessoas da comunidade, estudantes, anciãos e anciãs – uma rede de colaboração, porque a pesquisa é de interesse da comunidade. Ela foi desenvolvida academicamente seguindo as orientações da pesquisa qualitativa.

A pesquisa de cunho qualitativo é aquela em que podemos descrever um fenômeno ou um fato relacionado à realidade, e essa descrição é feita através de observação e registros da compreensão da temática da pesquisa. O fato e a realidade desta pesquisa são as vivências pedagógicas junto aos estudantes do Ensino Médio e a contação de histórias pelos anciãos.

Para Bogdan e Biklen (*apud* Larchert, 2017, p. 125), a pesquisa:

[...] qualitativa exige que o mundo seja examinado com a ideia que nada é trivial, que tudo tem potencial para construir uma pista que permita estabelecer uma compreensão mais esclarecedora do objeto de estudo.

Em outras palavras, tudo tem importância na pesquisa. Vivenciar as experiências durante o processo da pesquisa, ter contato com os colaboradores do estudo, buscar informações que venham ajudar a esclarecer e aprofundar as histórias faz com que esta pesquisadora sinta a conexão com este estudo e vá etnografando a cultura pela escrita das histórias como prática pedagógica no Ensino Médio.

De acordo com Larchert (2017, p. 126):

A pesquisa etnográfica compreende as amplas estruturas da cultura de um grupo étnico, de uma sociedade ou de um grupo específico de pessoas. Sua exigência demanda observação direta no campo, seguida de interpretação das análises.

À medida que as histórias foram ouvidas, compreendemos que elas mencionam a cultura e estão ligadas a costumes e crenças praticadas pela comunidade, pois se trata de vivências, de momentos diretos e de aprofundamento da pesquisa. O estudo foi desenvolvido juntamente com os/as alunos/as do Ensino Médio, que também foram pesquisadores, inclusive fazendo transcrições das histórias contadas e narradas do povo Kawaiwete. Essas histórias escritas fazem parte da literatura Kawaiwete.

As transcrições não foram fáceis: tivemos de ouvir várias vezes, porque ouvimos a fala dos anciãos e das anciãs e gravamos no celular. Fizemos anotações, mas como

forma de nada perder, para depois os estudantes construírem as narrativas históricas. Logo, foi preciso primeiramente transcrever e depois fazer o exercício de organizar, porque nem sempre as falas que foram gravadas tinham uma organização, de forma que, depois de escritas, os leitores entendessem.

Figura 2 – Transcrições dos áudios gravados no celular



Fonte: acervo da pesquisadora, 2023.

Também foi preciso voltar algumas vezes nos anciãos e anciãs para entender alguma coisa que não ficou clara. O texto transcrito não foi igual à fala dos anciãos e anciãs. Além disso, os textos produzidos também exigiram muito da pesquisadora e professora, pois os alunos os escreveram e reescreveram várias vezes. Os desenhos ilustrativos das narrativas históricas foram produzidos pelos estudantes e por mim, em um exercício na constituição da literatura Kawaiwete.

Figura 3 – Organização de textos: escrita e reescrita



Fonte: acervo da pesquisadora, 2023.

Como esta é uma pesquisa qualitativa e participante, inicialmente dialoguei com a comunidade e expliquei para lideranças, anciãos e anciãs, e demais membros sobre a pesquisa. Nesse contexto, pedi permissão e apoio na escuta das narrativas das histórias e registros delas por mim e pelos estudantes.

O planejamento da pesquisa consistiu em quatro etapas: a primeira, mencionada anteriormente, foi a apresentação da proposta de pesquisa à comunidade. A segunda etapa foi vivenciada apenas por mim, junto aos anciãos, entrevistando-os sobre as histórias do povo Kawaiwete, ocasião em que expliquei que o trabalho seria feito em conjunto com os estudantes, e a abordagem seria sobre o processo histórico do povo, a cosmologia, nossos costumes e crenças.

A terceira etapa foi o trabalho conjunto entre pesquisadora, anciãos e anciãs, e estudantes do 2º e 3º ano do Ensino Médio. Essa etapa foi construída com diversas atividades, que seguem enumeradas:

- i. uma aula coletiva, em que assistimos ao filme Xingu para observar a história dentro do enredo cinematográfico;
- ii. diálogo entre estudantes e anciãos sobre as memórias destes a partir do filme;
- iii. orientação e elaboração de roteiros com os estudantes para escuta das narrativas, isto é, as histórias;
- iv. entrevistas com os anciãos após a preparação dos roteiros.

Cada roteiro para as entrevistas foi diferente, pois precisava estar em sintonia com a história sobre a qual cada ancião e anciã tinha conhecimento e vivência. Foram cinco roteiros, que falavam sobre o Batelão – nossa terra originária; a história da Cachoeira

Sagrada; a construção da aldeia *Tatuy*; a roça do povo Kawaiwete; e festas tradicionais: *Jowosi* e *Pyta Pyta*.

As entrevistas foram feitas em diálogo com os anciãos, logo depois que os estudantes pediram para que eles falassem sobre a história. Então, nessa metodologia, alunos e alunas escutavam com bastante atenção e depois, quando tivessem dúvidas ou alguma curiosidade sobre a história, faziam as perguntas.

Figura 4 – Foto após a entrevista com o ancião Kanísio

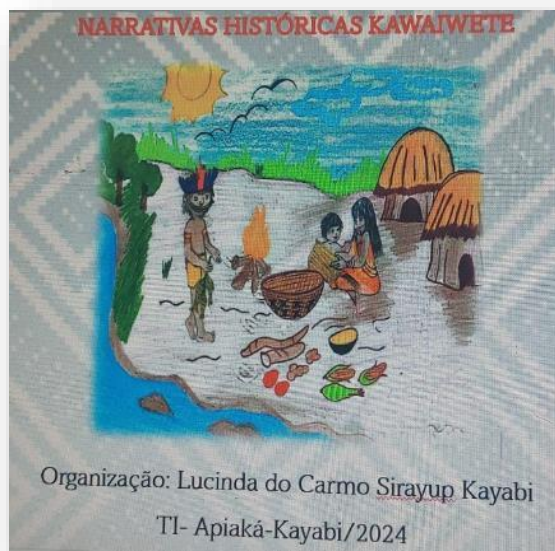


Fonte: acervo da pesquisadora, 2023.

Na quarta etapa, com as entrevistas gravadas em áudio, anotadas ou filmadas, ocorreu a orientação para transcrição e organização dessas narrativas/histórias, que foram compiladas em um pequeno livro, intitulado “Narrativas históricas Kawaiwete”. Esse resultado do trabalho e da aprendizagem da escrita e da literatura Kawaiwete pode ainda ser utilizado pelos demais professores/as e membros da comunidade, quando acessarem esses materiais confeccionados com os/as alunos/as. Os alunos/as foram orientados para

pedirem autorização ao fotografar, filmar e gravar áudios com os anciãos, e receberam orientação para fazerem anotações relacionadas à pesquisa.

Figura 5 – Livro produzido pelos estudantes



Fonte: Produto Educacional, 2023.

3 NARRATIVAS HISTÓRICAS DO MEU POVO

Escrevo aqui as histórias do povo Kawaiwete, contadas por anciãos e anciãs sob a minha escuta. A escuta de que falo é transmitida na pesquisa de Ferreira (2014) como uma forma de ouvir não apenas com os ouvidos, mas com o coração, e esse foi o caminho também da minha aprendizagem e das apreensões educativas da pesquisa. Escutar, na pesquisa, é sentir e viver as emoções do meu povo, da nossa história, da nossa memória e da nossa ancestralidade. À medida que escutamos com o coração, imaginamos como era no passado, assim como as transformações ocorridas.

3.1 Os velhos e as narrativas das histórias do povo

Para o meu povo, falar sobre as histórias é expressar nossa própria vida, nossa própria história e a cosmologia é de grande importância, pois tudo que é contado durante anos, desde os nossos antepassados, ainda tem sido contado pelos anciãos e anciãs da comunidade. Essas histórias estão ligadas no que o meu povo acredita, envolvem as crenças e os costumes.

Em um diálogo com uma anciã e um ancião da comunidade, eles explicam que antes as contações de história e as narrativas históricas eram momentos que envolviam todos da comunidade. Porém, havia momentos em que se reuniam entre as famílias, uma vez que, naquele tempo, as aldeias eram formadas por pequenas famílias. Quando se reuniam, era sempre em volta das fogueiras que faziam próximo às suas casas. Os mais velhos davam início às histórias, que sempre tinham ligação com suas vivências, com a natureza e com as crenças.

Nesses momentos, não havia diferença de faixa etária, todos ficavam ali reunidos para ouvir as narrativas. Além desses momentos, as mulheres Kawaiwete exerciam um papel muito importante em relação aos seus filhos pequenos, aos filhos de colo: elas eram responsáveis por orientar os pequenos, contando pequenas histórias através dos cantos para fazer as crianças dormirem – tudo falado na língua materna. Dessa forma, já vinham crescendo e conhecendo regras e costumes do povo.

Muitas vezes, quando o povo ou as famílias se reuniam para contar as histórias, tanto as mulheres Kawaiwete quanto os homens faziam todo o preparo da alimentação e, depois de tudo pronto, faziam fogueiras para aquecer, porque era sempre no início da noite que se reuniam para ouvirem os mais velhos. Eles lembram que foi assim que

aprenderam com os mais velhos e com os seus pais: através das histórias. Elas serviam para orientar as crianças, os jovens e a vida na aldeia. Era também o momento para aconselharem os mais novos; dessa maneira, esses encontros constituíam um modo de educar para ser Kawaiwete.

Uma das narrativas muito importantes que trago nesta dissertação diz respeito à trajetória do meu povo Kawaiwete. Para iniciá-la, escrevo que o meu povo é conhecido como guerreiro e valente, que sempre enfrentou as lutas por seus direitos. Antes de habitar a aldeia *Tatuy*, os Kawaiwete viviam na Terra Indígena Batelão, lugar cuja demarcação ainda estamos reivindicando, pois existem nesse território cemitérios onde estão enterrados os nossos antepassados³. Esse território é sagrado para nós, e há muito tempo estamos na luta por melhorias e pelo direito a ele. Essa luta tem a estratégia de que diversas lideranças saem das aldeias, com as reivindicações que se iniciam dentro delas, para levá-las até esses movimentos que invadem Brasília, no desejo de sermos ouvidos e reconhecidos em nossos direitos.

Atualmente, estamos enfrentando um grande impacto, com a proposição do Projeto de Lei (PL) nº 490, que restringe a demarcação de terras indígenas e ainda coloca um marco temporal, de forma que os povos indígenas apenas ocupem as terras já ocupadas e as que estão em disputa a partir da promulgação da Constituição Federal em 1988 – uma forma de fazer com que não tenhamos o direito de demarcar terras indígenas. Essas medidas agressivas e de enfraquecimento dos povos indígenas, essa forma colonial persistente, como o marco temporal, têm nos levado a não descansar e manter a vigilância. Assim, em coletividade com diversos outros parentes, temos participado em grupo, mulheres indígenas e lideranças Kawaiwete, de movimentos e manifestações, em que lideranças indígenas de vários lugares do Brasil se deslocam de suas aldeias para, juntos, em movimento, unir forças e fazer a resistência. Diante disso, as lutas seguem constantes, sendo aprimoradas com o uso das tecnologias midiáticas, de forma a acompanhar os acontecimentos em tempo real, produzir documentos e buscar novas estratégias para a melhoria das comunidades e indígenas.

³ O meu povo Kawaiwete ainda reivindica a demarcação da TI Batelão. É direito a demarcação de terras, saúde e educação escolar indígena. Precisamos dos nossos territórios, neles estão nossa cultura, nossos sagrados, nossas aprendizagens. Não à PL 490! Não ao marco temporal! O marco temporal é uma das grandes preocupações para todos os povos indígenas, uma vez que muitos direitos são violados. Por isso, destaco que essa é uma luta de resistência, e ela não é atual: já acontece há muito tempo, é ainda a continuidade de um projeto colonizador. É preciso que nós e nossas lideranças indígenas continuemos a luta, que façamos enfrentamentos e que busquemos ser ouvidos. É uma luta antiga, a luta pelos nossos territórios, e sabemos que muitas lideranças deram suas vidas nessa batalha, então temos a resistência desde os antepassados e vamos continuar lutando!

Meu povo vivia nessa terra, e a invasão de fazendeiros e seringalistas foi nos expulsando, com a conivência dos governos, até que os mais antigos do meu povo foram levados para o Parque Indígena do Xingu. De acordo com o ISA, foi a partir de 1950 que fomos obrigados a deixar nossas áreas tradicionais, pois a região do Batelão virou fazendas⁴. Assim, fomos divididos em três grupos: um grupo foi obrigado a ir para o Xingu, outro ficou no Rio dos Peixes, e um outro foi habitar o baixo do rio Teles Pires. Estamos, portanto, na Terra Indígena do Xingu (TIX), que antes era Parque Indígena do Xingu, na Terra Indígena Apiaká-Kayabi, no Mato Grosso, e na Terra Indígena Kayabi, no Pará.

As narrativas históricas feitas pelos anciãos e anciãs demonstram que o Batelão é o nosso território de origem, e há muito tempo meu povo luta para reavê-lo. De acordo com o ISA, desde 2016, a Justiça Federal tem reconhecido que o território é tradicional do meu povo Kawaiwete.

[...] foram expulsos de sua terra original e deslocados para o Parque Indígena do Xingu (PIX), no nordeste de Mato Grosso, cerca de 300 quilômetros a leste, no início dos anos 1960, em virtude da ocupação ilegal empreendida por fazendeiros e seringalistas, com a conivência dos governos estadual e federal. A transferência significou um traumático processo de desagregação social, com a separação de famílias e a dificuldade de acesso aos recursos naturais (ISA, 2016)⁵.

Durante uma das conversas com um ancião, morador da aldeia *Tatuy*, ele faz o relato de que foi uma das pessoas que nasceu e teve a sua vivência na infância na Terra Indígena Batelão, e tem lembranças de como era a vivência de seu povo. Essa conversa ocorreu com o senhor Kanísio Kayabi (Figura 6), conhecido, também, como Carará. Ele foi escolhido por ser o ancião mais velho da comunidade e por ser uma das lideranças que há muito tempo vem em busca de reivindicação e luta pela demarcação da Terra Indígena Batelão. O meu povo nunca perdeu a esperança de que um dia retornaria para aquele local.

⁴ Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Kaiabi>. Acesso em: 22 maio 2024.

⁵ Disponível em: <https://terrasindigenas.org.br/pt-br/noticia/170058>. Acesso em: 24 abr. 2024.

Figura 6 – Diálogo com o senhor Kanísio, ancião e liderança Kawaiwete



Fonte: acervo da pesquisadora, 2023.

A conversa se deu em sua casa, que fica próxima à casa de palha, ponto de encontro e reunião da aldeia *Tatuy*, no período da tarde, no mês de janeiro de 2023. Eram aproximadamente cinco horas da tarde, e o tempo estava nublado. Cheguei como uma visita, pois o senhor Kanísio é um ancião respeitado pela liderança que é dentro do meu povo, tendo sido recebida e convidada a sentar. Assim, trouxe a cadeira para a porta da sua casa, sentamo-nos e iniciamos a conversa. Inicialmente, falamos sobre a saúde, e depois expliquei que estou cursando o mestrado e que precisava das orientações, de seus ensinamentos sobre o Batelão, porque ele é um dos mais velhos aqui da minha aldeia.

Então perguntei se o Batelão é nosso lugar de origem e como era esse local, perguntei sobre suas lembranças. Ele explicou que o Batelão é mesmo o lugar de origem do nosso povo e que nós não vivíamos apenas lá, andávamos muito para as coletas de matéria-prima, pesca, caça de tudo para a sobrevivência.

Enquanto ele ia falando, as memórias iam aparecendo, e eu percebia no semblante dele o entusiasmo de relembrar como era aquele lugar onde morou — e também a tristeza de contar como foi que saiu daquele local. Ele foi um dos que foram levados para o Xingu com os demais Kawaiwete.

O ancião falou que o Batelão tinha muita fartura de alimentos e era um lugar muito bonito. Conforme falava, ficava pensativo, como se estivesse revivendo; durante a conversa aparecia um sentimento de saudade e de vontade de retornar. A vontade e a

esperança de retornar para aquele território ainda é latente, pois a luta dos Kawaiwete é grande no sentido de novamente ocupar esse lugar.

O senhor Kanísio Kayabi conta em uma de suas falas:

Eu nasci lá, e tinha muita fartura, nunca esqueci daquele lugar, é lá que estão enterrados os meus antepassados, e quem morou lá nunca esquece, é por isso que estou na luta até hoje, com esperança de meu povo voltar pra lá.

Cada vez que tenho esse diálogo com anciãos e anciãs da minha comunidade, percebo com o meu coração o quanto os meus avós e os nossos antepassados passaram por momentos difíceis, mas também momentos felizes. Isso pode ser percebido pela forma como falam e pela saudade que sentem desse tempo. Ouvir as histórias e entender os momentos e fatos vividos por esse povo desperta em mim emoções de tristeza e de reconhecimento de um passado sofrido, mas também de resistência, porque meu povo nunca desistiu.

Ao ouvir com atenção, eventualmente emerge um sentimento de indignação em relação à forma como foram/fomos retirados de seus/nossos lugares, onde estavam as vivências. As comunidades tiveram de deixar tudo aquilo que viviam: afastaram-se de suas roças, separaram-se de suas famílias, deixaram naquele lugar parentes enterrados, os antepassados dos meus avós.

Imagino com o meu coração e sinto como foi sofrido, para homens e mulheres, e principalmente para as crianças, precisar sair de um lugar para ir a outro e recomeçar tudo novamente – uma saída forçada pelas circunstâncias.

No momento que ouço essas narrativas dos anciãos, sinto meu coração dolorido, pois são marcas que carregam em suas memórias, nas expressões de sofrimento e saudade. Assim, eles nos transmitem essa memória que é sentida por nós.

Ainda no mês de janeiro de 2023, continuei o diálogo com os sabedores da cultura, os mais velhos. Entre algumas anciãs, escolhi a senhora Katu Kayabi (Figura 7), porque ela é uma das pessoas que residiram no Batelão. A anciã falou sobre o território Batelão e contou que nasceu lá, guardando muitas lembranças de como era a vivência do seu povo.

Figura 7 – Katu Kayabi, anciã e mulher liderança Kawaiwete



Fonte: acervo da pesquisadora, 2023.

Em uma de suas falas, ela se expressa recordando das lembranças sobre o Batelão:

Eu nasci e cresci lá no Batelão, tenho saudade quando lembro de como era, meu povo tem que lutar pra voltar de novo pra nosso lugar, onde nós morava, os mais novos têm que conhecer aquele lugar.

Trata-se de recordações que anciãos e anciãs têm em suas memórias sobre a Terra Indígena Batelão, e atualmente vêm demonstrando preocupação, visto que já estão bem idosos, e os mais jovens precisarão se envolver com essa luta.

No dia 12 de abril de 2023, dei continuidade às conversas com a senhora Katu Kayabi. Havia combinado com ela e com a filha dela, com quem ela mora, que iríamos continuar o diálogo sobre o Batelão. Encontramo-nos naquela tarde, e fui bem recebida em sua casa, e ela estava muito contente ao me ver chegando. Era por volta das quatro horas da tarde, e estava formando um tempo de chuva, com ventos e trovoadas. A senhora Katu Kayabi pediu que eu me sentasse em um banco que estava próximo à rede armada na área de sua casa, onde ela estava deitada.

Sob os ruídos do trovão e com o vento que podíamos sentir em nossos rostos, a anciã foi falando que hoje tem 83 anos e que morou no Batelão. Ela é falante da língua materna do povo Kawaiwete, e seus pais e avós são originários da Terra Indígena Batelão, assim como ela. Filha de Jypot e Rywi, ela tem duas irmãs, uma por parte de pai e mãe e

outra apenas por parte do seu pai. Jypot foi um grande pajé do meu povo, e a história do Salto Sagrado, como veremos, está ligada à transformação do pajé.

Katu Kayabi mora atualmente na aldeia *Tatuy* e tem sete filhos. Ela narra:

Um morreu de doença quando pequeno, naquele tempo não tinha o remédio do branco como atualmente, os remédios vinham ser mais tradicional, e quando ia ter meus filhos era em casa e com a ajuda da minha tia.

A anciã continua o relato e, ao lembrar do parto dos filhos, com a ajuda da tia, também narra a história do seu nascimento:

Minha mãe Rywi falava para que senti dores de parto dela perto de um campo e foi ali na beira do campo (Jyn) que eu nasci, um lugar muito limpo e bonito.

Ouçó atentamente e percebo que o tempo não apagou da memória os momentos de felicidade da sua mãe, do lugar onde nasceu. Ela é a filha mais velha, e o nome da aldeia onde morava é *Ytakuruok*, que significa “lugar onde tem muita pedra”. Nas narrativas, ela lembra:

Quando morava lá no Batelão a mata era bem fechada, e não tinham o contato com o homem branco, e por isso tinha muitos pernilongos, e também muito morcego (Anyra pequeno) e que muitas vezes tinha que tomar cuidado, pois eles vinham durante a noite e chupava o sangue das pessoas, principalmente daquelas crianças que não tinham seus pais.

As memórias vão aparecendo e a conversa vai ficando longa. Observo que ela gosta de contar sua história: o povo tinha muita sabedoria, e sua mãe fazia a rede (*tatyty*) bem grande e bem fechada para protegê-la, pois assim os mosquitos e morcegos não podiam atacar durante a noite, quando estavam dormindo.

Ouçó que as mulheres fiavam o algodão e teciam para poder fazer a rede, sendo todo o trabalho manual – essa era uma das atividades da mulher Kawaiwete. As casas eram todas feitas de palha de Inajá, que descia até o chão, e as paredes não eram fechadas com tábua como se vê atualmente, mas tinham cobertura de palha.

Ela dá suspiros contando as histórias e explica:

Durante a noite fazia a fogueira, para depois ser colocado a brasa debaixo da rede, para não ter frio e também para espantar os bichos que andam durante a noite.

Sempre há pausas na narração. Ela lembra que veio para o *Tatuy* já “bem grandinha”, e foi por aqui que se casou e teve seus filhos. Um dos filhos de Katu é hoje professor na escola da aldeia e o pajé na comunidade. Foi durante a conversa que descobri

que o marido dela era meu primo, por isso consideram que sou tia dos filhos dela. Enquanto vai narrando, sempre coloca algumas coisas na língua materna:

Eu falo no minha língua mesmo e aprendi falar desde pequena. Eu sei cantar o Canto Jowosi, Pyta Pyta canto das mulheres mais velhas, e também aprendi fazer artesanato, as crianças tem que aprender cantar, e falar na língua do nosso povo.

Perguntei se, quando veio para *Tatuy*, ela foi para Utiariti⁶, ao que explicou que não foi para lá, mas sua irmã foi levada para o internato. Katu Kayabi só conheceu o Utiariti quando foi levar o seu filho para fazer um tratamento de saúde, e foi assim que conheceu o lugar onde sua irmã estava morando. A anciã conta que a viagem que fez naquele tempo para chegar lá foi de voadeira. O local ficava muito longe, e “tinha muita cachoeira e correnteza brava” para chegar até o Utiariti. Ficou pouco tempo lá, logo retornando para o *Tatuy*, mas sua irmã permaneceu lá para estudar.

O pesquisador Maraiup relata (2016, p. 10):

Antes o meu povo *Kawaiwete* vivia no Batelão, todos juntos. Com a chegada dos irmãos Villas Boas, e com os conflitos na região, aconteceu a mudança de território. A maioria das famílias *Kawaiwete* foram levados para o parque indígena do Xingu. Algumas famílias não se adaptaram e saíram de lá, assim, um pouco do nosso povo foram para o Pará onde fizeram uma aldeia chamada *Kururuzinho*. Os outros permaneceram no Xingu e o outro grupo de família foram para onde hoje é a aldeia Tatuí. Saíram do Batelão e foram para perto do rio dos Peixes, na aldeia Tatuí.

Na ocasião da expedição de transferência dos povos indígenas para a TI Xingu, os *Kawaiwete* enfrentaram diversos conflitos entre seringueiros e demais pessoas que estavam à frente da expedição, pois muitos resistiram e continuaram na área de vivência do povo *Kawaiwete*. Alguns grupos desceram do Batelão para as margens do Rio dos Peixes, lugar onde mais tarde se formou a aldeia *Tatuy*. Durante esse período, as famílias que ficaram na área de origem tinham suas aldeias e suas malocas. Foi um tempo sofrido e de separação das famílias *Kawaiwete*.

3.2 Narrativas sobre a língua materna na aldeia *Tatuy*

Como mencionado anteriormente, o meu povo *Kawaiwete* tem a língua materna da família tupi-guarani, do tronco tupi, mas apenas os mais velhos de fato ainda são

⁶ O Utiariti foi um internato da missão jesuítica em Mato Grosso, conhecida como Reduções, cujo objetivo era catequizar crianças de diferentes etnias, as quais eram mantidas separadas de suas famílias.

falantes desse idioma. Há alguns adultos e jovens que falam e entendem a língua Kawaiwete, mas, de maneira geral, as crianças já não mais a falam e pouco a entendem.

Pode-se afirmar que esse cenário resulta do contato com a língua portuguesa e com o processo histórico do meu povo, pois muitos sofreram violências e com frequência foram proibidos de falarem a sua língua, sendo obrigados a seguir uma cultura diferente da sua própria. Muitas dessas pessoas eram levadas para internatos, principalmente as mais jovens, onde precisavam se adaptar a outras formas de convivências. Então, quando retornavam à aldeia, vinham diferentes e já tinham esquecido boa parte da cultura.

É possível compreender os sofrimentos e a violência etnolinguística ocorridos no Brasil com muitos povos indígenas. Sabemos que, na aldeia *Tatuy*, a maioria das pessoas fala a língua portuguesa, mas também sabemos que, no passado, houve influências e impactos na língua, porque muitos foram proibidos de usá-la e levados para a missão do Utiariti.

Essa situação faz parte da nossa história. Da aldeia *Tatuy*, alguns dos anciãos que foram levados para o Utiariti são Nicolau José Cangeru, Rosália Aparecida Krimok, Maria Brites, Antônio Carlos Lima Faim, Kanísio Kayabi e Lurdes Kaiabi. Com estes, o diálogo prosseguiu de forma mais profunda, especialmente com o senhor Kanísio Kayabi e com a senhora Maria Brites Kayabi, visto que os dois foram levados pelas irmãs da missão para o Utiariti.

Nos diálogos com esses dois anciãos, que naquela época tiveram contato direto com o internato Utiariti, pude perceber que é difícil para eles relembrar o tempo que passaram naquele local. O senhor Kanísio Kayabi relata:

Nós não podíamos conversar com ninguém, tinha uma casa que era só dos meninos e das meninas, e bem no meio tinha a igreja. Lá não podia falar na língua porque falavam que era pecado, nós fomos em trinta kayabi, quinze do Batelão e quinze do Tatuy, era difícil naquele tempo, pra falar no idioma tinha que ser escondido, se eles vessem falando nós apanhava.

A fala do ancião descreve como era a missão do Utiariti e vai confirmando que a língua era proibida. Na sequência, procurei a senhora Maria Brites Kayabi para a conversa. Em um dia de abril de 2023, em um fim de tarde, por volta das cinco horas, nós nos encontramos e conversamos na sua casa. Ela me convidou para me sentar, dialogamos sobre vários assuntos. Em seguida, pedi que ela contasse um pouco sobre o Utiariti.

A senhora Maria Brites Kayabi⁷ nasceu no Batelão e atualmente mora na aldeia *Tatuy*, aos cuidados de suas filhas.

Figura 8 – Maria Brites Kayabi



Fonte: Dilma Maria Mani, 2023

A anciã conta que guarda lembranças da aldeia onde morava como um lugar de muita fartura. Ela morou no Batelão até a sua adolescência e depois veio para a aldeia *Tatuy*, à beira do Rio dos Peixes, em Juara. Porém, ficou aqui por pouco tempo, porque foi levada para a missão do Utiariti, onde passou grande parte da sua vida no internato.

Fui levada juntamente com os demais meninos e meninas Kawaiwete, para estudar no Utiariti, e foi a partir daí que as irmãzinhas nos levaram para o internato sendo no Utiariti.

Nas narrativas, ela explica que, antes de ir estudar, falava com fluência a língua materna, pois seus pais eram falantes. Porém, a partir do momento que saiu da aldeia e precisou ir para o internato, foi ficando difícil, pois lá, ela relata, muitas vezes não podia falar na língua materna do povo.

Dessa forma, foi também se esquecendo de algumas palavras e até mesmo de se comunicar na língua materna. Esse foi um período difícil para ela, mas até hoje entende e fala a língua materna, bem como se comunica com os outros que também conversam nesse idioma, mas o português está muito presente na sua vida. Dona Maria Brites relata:

Eu não tenho boas lembranças lá do Utiariti, nós não podíamos falar nossa língua com nossos parentes, se não apanhava, não podia usar colar, pulseiras, cantar nosso canto, tinha que obedecer, só usava roupas de branco. Assim muitas coisas fui esquecendo com o tempo, quando retornei para a aldeia muitas palavras na língua falada do meu povo já tinha esquecido, porque ninguém podia falar no idioma.

⁷ Maria Brites Kayabi partiu da aldeia *Tatuy* deixando saudades e foi habitar os cosmos espirituais no dia 25 de fevereiro de 2024.

Dando sequência às entrevistas, no dia 26 de julho de 2023, dialoguei com o senhor Moacir Kawit Kayabi (Figura 9), um ancião que nasceu e foi levado para o Batelão quando criança. Hoje ele reside na aldeia *Tatuy* e tem filhos e netos morando aqui, mas tem ainda parentes e filhos no Xingu, onde também viveu por um tempo. É importante explicar que as entrevistas feitas para este trabalho ocorreram na Terra Indígena Apiaká-Kayabi, mas o povo Kawaiwete se encontra tanto na TI Apiaká-Kayabi Rio dos Peixes, quanto na Região do Xingu e na aldeia Kururuzinho, no Pará.

Figura 9 – Explicações do senhor Moacir



Fonte: acervo da pesquisadora, 2023.

No dia da conversa com o senhor Moacir, estávamos reunidos nas dependências da Escola Estadual Indígena de Educação Básica Juporijup, onde acontecia uma oficina sobre a língua materna e sobre como trabalhá-la em sala de aula. Além disso, estavam sendo produzidas cartilhas através das histórias contadas pelos alunos. Nessa oficina, estavam presentes lideranças e alguns dos anciãos da aldeia *Tatuy*, assim como alunos/as e professores/as.

O senhor Moacir veio contribuir com a formação, já que ele é falante da língua materna Kawaiwete. Por volta das quinze horas de uma tarde de bastante calor, aproveitando a presença do ancião, convidei-o para conversarmos sobre sua aprendizagem com a sua língua materna. Sentados na varanda da escola, iniciei o diálogo retomando a explicação sobre a minha pesquisa e a importância de ouvir o relato dele sobre a língua Kawaiwete. Como o assunto era a língua e a nossa cultura, o senhor Moacir

fez questão de ir até sua casa buscar o seu cocar, que para ele vem a ter um significado importante, uma vez que faz parte da cultura Kawaiwete.

Moacir Kawit Kayabi, conhecido e chamado por Kawit, tem 78 anos de idade e nasceu no Batelão, no mês de agosto, como ele relata.

Aprendi com minha mãe que o nome da aldeia onde morava lá no Batelão era Siwaí (significa “córrego”), e lá fiquei até os meus Quinze anos de idade e depois fui para o Xingu com o pessoal que morava já no Xingu, era solteiro ainda, quando cheguei no Xingu e lá casei e tive três filhos, morou lá por um tempo, e depois passado alguns anos vim para o Tatuy pela primeira vez, antes não conhecia o Tatuy.

O ancião conta que, naquela época, encontrou um pessoal que morava no Tatuy, em uma reunião que estava acontecendo em uma aldeia Xavante, e foi a partir daí que foi convidado por alguns Kawaiwete para vir até Tatuy. Relata ainda que, quando saiu do Xingu para vir para a aldeia Tatuy, acompanhado de mais cinco pessoas, foi uma longa viagem, pois naquele tempo o acesso era mais difícil.

Pegamos o avião até uma cidade, e depois embarcamos novamente no avião e fomos parar na Fazenda Agrotep, que ficava próximo do Território, era o único lugar que tinha pista de avião, tinha no Tatuy uma pista de pouso mas não estava pronto. Desembarcamos nessa fazenda e de lá pegamos uma voadeira, mas não tinha o motor, subimos o Rio dos Peixes de remo, foi longe e cansativo até chegar na aldeia Tatuy, foi mais ou menos sete horas da noite, e era no tempo de Padre João.

Antes de retornarem ao Xingu, ele lembra que ajudou a limpar a pista de avião – tudo feito com enxada – e reuniu toda a comunidade para trabalhar na limpeza da pista da aldeia Tatuy. Conforme a sua fala, após a primeira visita, ele veio mais uma vez à aldeia Tatuy e acabou ficando; aqui ele se casou novamente e construiu uma família, e até hoje mora na aldeia Tatuy.

Fui ouvindo as histórias e perguntei se ele havia estudado e com quem aprendeu a língua materna. Ele explica que sempre falou a língua materna, pois não frequentou a escola. Seus pais sempre foram falantes dessa língua, e o diálogo entre eles era bastante fluente desde criança, já que toda a conversa era feita na língua materna:

Não tinha hora pra falar na Língua, toda hora a gente falava na casa, e também quando saía na aldeia, era o tempo todo só na idioma Kayabi, não é como agora que fala muito a língua do branco, tem que falar na língua Kayabi, pra não ficar esquecido. Eu sempre falei na língua por isso falo até hoje.

Além de falar a língua materna, ele faz diversos artesanatos que aprendeu durante a sua infância com seus pais. Alguns deles são a peneira, o arco e flecha, o abano (tapekwap) – é um sábio da cultura do povo e sempre a pratica e a ensina aos seus filhos

e netos. Também canta o canto *Jowosi*, lembrando os momentos em que se reuniam para festas.

O que foi apresentado nesta seção demonstra o quanto a oralidade e a memória são importantes para fazer as narrativas históricas, constituindo marcadores das vivências. Nesse sentido, os anciãos são as nossas bibliotecas vivas pela oralidade. Isso faz parte da educação indígena, que é construída pelo saber viver, falar, conhecer a nossa própria história, porque as histórias representam a maneira como viveu e vive o nosso povo.

Essas histórias são narrativas Kawaiwete e, quando elas são ouvidas e transmitidas para a educação escolar indígena, quando são registradas, passam a ser um conhecimento compartilhado e se tornam literatura Kawaiwete. Na próxima seção, apresento o uso das narrativas na escola, como resultado de um trabalho de ensino e de literatura Kawaiwete que foi sendo construído com os estudantes do Ensino Médio.

4 A EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA E A PRÁTICA PEDAGÓGICA COM NARRATIVAS HISTÓRICAS

Neste capítulo, explicamos como foi o desenvolvimento da pesquisa com os estudantes do Ensino Médio junto aos anciãos, assim como as produções textuais deles. Além disso, apresentamos a escola e a educação escolar indígena.

Antes disso, porém, é importante explicar que a prática pedagógica é o desenvolvimento de uma ação de estudo ou de vivência de aprendizagem que pode ser feita em diversos momentos – como o termo “prática” já diz, trata-se de fazer. Uma prática pedagógica precisa passar além dos livros didáticos, além da teoria dentro de uma sala de aula; necessita envolver os estudantes em atividades significativas, que podem estar relacionadas aos costumes, como atividades que envolvem a cultura. Nesse caso, a pesquisa com os estudantes e a escuta de histórias em momentos na aldeia ofereceu a alunos e alunas a possibilidade de, em prática pedagógica, exercer a escrita e escrever a literatura Kawaiwete.

Essa escrita foi possível a partir do momento em que os anciãos e as anciãs passaram a contar na oralidade, um fato ou algo que está ligado a costumes, cultura, cosmologia. Essa narrativa se passa quando há um relato cheio de sentimentos, que emergem na forma de se expressar, no seu modo de vida. As histórias são contadas pelos mais velhos com grande inspiração, e a maneira de contar, de narrar, chama a atenção de quem está ouvindo. Uma narrativa histórica é uma vivência que passa de geração em geração, a qual pode ser um fato ocorrido, uma cosmologia, um relato que faz parte do saber próprio do meu povo. Não se trata apenas da história dos acontecimentos, mas da história de tudo o que envolve nossa vida, nossas memórias, nossos costumes, nossas crenças.

4.1 Educação escolar indígena: trazendo os saberes Kawaiwete

Para falar da educação escolar indígena, é preciso apresentar a escola do meu povo, onde as práticas pedagógicas foram desenvolvidas com as narrativas históricas. Na Escola Estadual Indígena de Educação Básica Juporijup, atendemos os/as alunos/as do Ensino Fundamental e Médio nos períodos matutino, vespertino e noturno.

A referida escola foi autorizada pelo Decreto nº 279, de 24 de maio de 2007 e, neste ano de 2023, atende a 133 alunos da Educação Básica. A escola tem duas salas

anexas, que se encontram na aldeia Figueirinha e na aldeia *Ytu* Cachoeira. Na primeira aldeia, a sala de aula é formada por crianças do primeiro ao quinto ano; na sala anexa da segunda aldeia, o mesmo se repete, com acréscimo do Ensino Fundamental do sexto ao nono ano e do Ensino Médio.

Atuam na escola 14 profissionais da educação, entre os quais desenvolvem atividades de apoio administrativo educacional (AAE) três merendeiras e dois responsáveis pela limpeza do prédio escolar. Na função de técnico administrativo educacional (TAE), há um profissional respondendo pela secretaria da escola; na gestão escolar, há uma professora na Direção e uma na Integração Pedagógica, a qual também atua em sala de aula, além de nove docentes atuando diretamente em sala de aula. A escola tem um Conselho Deliberativo Escolar, e a última direção escolar foi escolhida pela comunidade por indicação de alguns nomes e, posteriormente, eleição. O Conselho é importante e, às vezes, conforme o assunto, a reunião desse órgão é ampliada para toda a comunidade, com envolvimento das lideranças do povo.

A forma de funcionamento da escola é pensada pelo próprio povo. Nesse sentido, acreditamos que temos uma educação escolar indígena diferenciada, mesmo que seja difícil, porque há muitos desafios. Ainda assim, trazemos para dentro da nossa escola conteúdos que são próprios do nosso povo, quando falamos sobre os ensinamentos que vêm sendo repassados por nossos antepassados, quando trabalhamos nosso território, nossa cultura e os conhecimentos que não devem ser esquecidos, que devem ser praticados diariamente.

Na comunidade indígena, a criança que entra para a fase de ingresso na escola já tem o seu conhecimento das regras de seu povo, e a instituição escolar tem um papel importante no fortalecimento dessa cultura e desse aprendizado. Segundo Jacobina e Lacerda (2022), essa bagagem é diversificada, e há conhecimentos em forma de histórias, relatos sociais, músicas, brincadeiras e outras vivências aprendidas dentro do contexto familiar e da comunidade.

No documento de orientações curriculares das diversidades educacionais, consta:

A escola indígena atualmente ocupa um lugar de destaque nas relações interculturais, uma vez que é percebida como um espaço privilegiado para produção da cultura e intercâmbio de conhecimentos entre a sociedade (Mato Grosso, 2010, p. 247).

Em termos de legislação, no ano de 1988, foi promulgada a nova Constituição Federal, que procura garantir o direito dos povos indígenas, reconhecendo as práticas

culturais de cada povo, os costumes e a sua forma de organização social, respeitando as diversidades de culturas, rituais e crenças. Em essência, o documento reconhece os modos próprios de aprendizagem e as histórias dos povos indígenas.

Já o Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas é uma referência na orientação e elaboração de propostas para uma educação escolar indígena diferenciada, intercultural, multilíngue e específica. Nesse documento estão escritos os princípios da educação escolar indígena, com a finalidade de auxiliar as escolas a construir currículos específicos, elaborados pelos próprios professores indígenas, com a participação e o envolvimento de todos com a comunidade (Brasil, 2005).

Considerando os princípios da educação escolar indígena, os professores e professoras do povo Kawaiwete têm procurado trabalhar, em conjunto com a comunidade e os/as alunos/as, as histórias e as práticas culturais que mantêm os costumes do povo. Além disso, um calendário escolar específico, atendendo ao Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola, é definido pela comunidade junto com a equipe escolar.

São várias as atividades da nossa cultura que fazem parte do PPP, por exemplo, o tempo de colheita das frutas, plantações, pescaria com timbó, danças, pinturas culturais etc. Essas são algumas das atividades de grande importância nas práticas culturais, fortalecendo ainda a cultura, no idioma do povo Kawaiwete, que deve ser cada vez mais consolidado no ambiente escolar e na comunidade da aldeia.

Hoje, na nossa aldeia, entendemos que a escola é um lugar muito importante, primeiramente porque a assumimos; depois, porque a utilizamos para planejar não apenas atividades próprias da escola, mas para desenvolver ações junto à aldeia. Em tudo o que a comunidade faz, a escola está presente.

Trabalhar na escola as histórias do nosso povo é reforçar a cultura e, ao mesmo tempo, fortalecer-nos como Kawaiwete, bem como aprender a melhorar a escrita e escrever no idioma. Por isso, lutamos para que a escola tenha professores/as indígenas com formação e que assumam o compromisso de ensinar melhor, com atitudes de pesquisadores e pesquisadoras.

Lutar pela criação de escolas indígenas significa, entre outras coisas, lutar pelo direito de exercerem atividades de leitura e escrita em língua portuguesa, de modo a poderem interagir em igualdade de condições com a sociedade envolvente (Brasil, 2005, p. 125–126).

Nesse sentido, a luta pela escolarização e pelo reconhecimento de ter professores/as indígenas atuando em sala de aula para ensinar o seu povo já é uma grande

conquista. São essas as lutas pelas quais até hoje os povos indígenas vêm se mobilizando, através de reuniões, seminários, cursos, conhecendo, então, cada vez mais sobre seus direitos, para que sejam respeitados de forma igualitária na sociedade não indígena. Uma escola que escreva suas próprias histórias e narrativas, que aprenda sobre outros povos, que fortaleça a sua cultura própria. Essa escrita pode partir das escutas orais dos anciãos, considerando que:

A linguagem verbal/oral é uma característica universal da espécie humana. Todos os povos e todas as culturas utilizam a língua (palavras e discurso) para expressar seus pensamentos, sentimentos, emoções, etc. É por meio da linguagem que as sociedades ensinam e aprendem suas histórias, mitos, cânticos e demais expressões culturais. É por ela também que as pessoas procuram se comunicar com as entidades sagradas ou sobrenaturais (Mato Grosso, 2010, p. 254).

A oralidade é um tipo de saber muito forte dos anciãos, e a escola indígena – assim como esta pesquisa – tem buscado realizar atividades que juntam oralidade e escrita, consolidando as formas de registro das narrativas e histórias.

4.1.1 *O filme Xingu trabalhando histórias e memórias*

Como uma das atividades previstas nesta pesquisa, a proposta era assistir ao filme *Xingu*⁸. Então, no dia 12 de junho de 2023, às 18 horas, como havia combinado com os estudantes, visitei as lideranças e as pessoas da comunidade de modo a fazer o convite para, junto com os alunos do 2º e 3º ano do Ensino Médio, assistirmos à obra cinematográfica (Figura 10).

⁸ Esse filme traz um pouco da história dos Kawaiwete. Quando os irmãos Villas-Bôas participam da expedição Roncador-Xingu, vindo para Mato Grosso, no chamado projeto Marcha para o Oeste, encontram várias etnias indígenas. Quando eclode a gripe nas aldeias, eles tentam ajudar, levando os indígenas para a área do Parque Nacional do Xingu. Com isso, acabam fazendo parte do governo para retirá-los dos seus territórios, levando-os a morar em um lugar que não faz parte da sua cultura. É por esse motivo que se encontram no Parque várias etnias que nem pertencem originalmente a esse lugar.

Figura 10 – Filme *Xingu*

Fonte: Google Imagens.

Assim, às 18 horas do dia marcado para o evento, iniciei as atividades da pesquisa e da prática pedagógica, que aconteceu nas dependências da Escola Estadual Indígena de Educação Básica Juporijup, da aldeia *Tatuy*. A atividade representou um momento bastante significativo, com a participação de alunos, professores/as e alguns anciãos da comunidade, atuando como instrumento mobilizador para iniciar o diálogo sobre o processo histórico e a trajetória do meu povo Kawaiwete.

Para o evento, organizei o espaço da escola – a área externa – com o aparelho *Data Show* e caixa de som, para que todos pudessem ver e ouvir o filme com facilidade. As pessoas foram chegando aos poucos, vindas de todos os lados da aldeia. Ao chegarem, acomodaram-se nas cadeiras e, logo em seguida, retomei os objetivos da minha pesquisa, que se relaciona com as narrativas históricas e cosmológicas do povo Kawaiwete do Rio dos Peixes.

Iniciei agradecendo a presença de todos e expliquei sobre a relevância de fortalecer a história do nosso povo, ressaltando que, dessa forma, também é importante fazer registros. Também informei que os alunos e as alunas participariam da atividade, e essa era uma forma de aprenderem as nossas histórias ou reaprenderem e praticarem o exercício da escrita na escola. Como Kawaiwete, professora e pesquisadora, entendo ser fundamental que tenham conhecimento e que escutem os mais velhos sobre o processo histórico do povo. Saber ouvir os anciãos e as anciãs do nosso povo é continuar os ensinamentos e a nossa história.

Somos um povo de oralidade muito forte, os nossos ensinamentos são feitos de forma oral, com conselhos e histórias, e também pela observação. Todavia, não podemos

pensar que a oralidade é a única forma de transmissão e de aprendizagem, porque existe uma forma de escrita que é muito importante e que é própria de cada etnia. Essa escrita não se dá pelas letras, mas pelos grafismos, por exemplo. Então, os grafismos falam sobre quem somos nós. Conforme Borges (2021, p. 26), “[...] os povos indígenas não são de uma tradição alfabética, no entanto não são ágrafos”. Para essa interpretação, Borges discorre sobre a existência dos grafismos nas sociedades indígenas, uma relativização do pensamento de que as sociedades indígenas são ágrafas, ou seja, que não têm escrita.

O que observo é que os grafismos que estão nos artesanatos, assim como quando são pintados nos nossos corpos, fazem uma ligação com a natureza e a identidade do povo. Nós temos diversos grafismos; dentre eles, destaco o grafismo da peneira, que traz consigo diversos significados e sentimentos. Outro grafismo que é a identidade Kawaiwete é a pintura que homens e mulheres trazem no rosto – isso carrega consigo a resistência e a identidade Kawaiwete.

O grafismo está presente em cada detalhe de um desenho, desde um simples traço até uma pintura corporal. Para o povo Kawaiwete, os grafismos têm significados da própria identidade, são ensinamentos que recebemos da família e que vêm dos nossos ancestrais. Os grafismos trazem marcas do sagrado e se relacionam com a nossa história, os nossos costumes, as nossas culturas e tradições.

Para além disso, mesmo que existam os grafismos, a oralidade tem fundamental importância: até os grafismos precisam da oralidade para terem explicados os significados. Por isso, é importante que as histórias e os significados delas não fiquem somente na oralidade, visto que atualmente estamos participando da educação escolarizada, e fazê-la específica significa também construir um currículo com as nossas histórias, com a literatura e o ensino Kawaiwete – que faça parte do ensino escolar (quando permitido pelos anciãos), para que tenhamos registros.

Esses conhecimentos de forma oral e escrita (de textos) servem para todos da comunidade, pois é através de histórias, costumes, língua materna e cultura escrita que podemos assegurar os nossos direitos diante dos brancos, o direito por nossos territórios e pela nossa própria existência. Quando escrevemos sobre nós mesmos, quando as nossas histórias são etnografadas, elas acabam se tornando literatura indígena:

O papel da literatura indígena é, portanto, ser portadora da boa notícia do (re)encontro. Ela não destrói a memória na medida em que a reforça e acrescenta ao repertório tradicional outros acontecimentos e fatos que atualizam o pensar ancestral (Munduruku, 2018. p. 83).

A literatura indígena é, como defendem Danner, Dorrico e Danner (2018), uma afirmação étnico-cultural em que esses escritos, que são feitos com muita arte, expressam a vida dos povos indígenas. Ao mesmo tempo, são textos de luta política e resistência cultural do existir.

Ainda sobre a atividade do filme, fazia um pouco de frio naquele 12 de junho e ventava bastante, mesmo assim todos queriam ver a obra e estavam curiosos sobre como participar da pesquisa. Com a intensidade do vento e do frio, aumentamos o volume da caixa de som e puxamos as cadeiras para mais perto, de forma que todos ficaram bem próximos, para que pudéssemos aproveitar o momento ouvindo bem e nos aquecendo.

O filme tem duração de aproximadamente duas horas, ou seja, é um filme longo, mas mesmo assim os participantes seguiam assistindo com atenção. Ao longo da exibição, pude perceber a atenção nas pessoas, especialmente de alguns dos alunos. Identifiquei ainda que alguns já tinham assistido ao filme, mas não tiveram uma conversa mais aprofundada sobre a ligação da obra cinematográfica com a história do povo.

Como estava frio, servimos um cafezinho, acompanhado de bolinhos de trigo e pipoca. Conforme iam passando as imagens, podia-se ouvir alguns comentários entre as pessoas, relacionados ao filme e à trajetória do povo. Além disso, com a participação de alguns anciãos que residiram na Terra Indígena Batelão, era bem visível em seus semblantes a forma como vinham acompanhando o filme; em alguns momentos, era como se estivessem vivenciando o momento; em algumas horas, havia risadas, em outras, havia momentos de silêncio, em que ficavam pensativos.

A intenção inicial era reunir somente alunos dos 2º e 3º anos do Ensino Médio e algumas lideranças. Todavia, como estávamos em um espaço aberto da escola, que se encontra próximo à estrada por onde todos da aldeia fazem o seu trajeto, vendo a movimentação, foram se aproximando mais pessoas da comunidade para assistirem também ao filme.

No decorrer da narrativa, o senhor Moacir Kawit Kayabi, um dos anciãos que nasceu e morou no Batelão, ia contando e relembando como se deu na realidade a história narrada no filme. Ele reconheceu o nome de alguns dos Kayabi que apareceram no filme e foi aos poucos explicando sobre como eram os lugares. Nesses momentos, observei que alguns alunos faziam anotações.

Encerrado o filme, fizemos uma roda de conversa, na qual a professora Dineva Maria Kayabi fez uma fala para os jovens alunos sobre a importância de conhecerem a

história do povo, ouvirem o que os mais velhos têm a dizer, pois são pessoas que sabem dessas histórias e guardam conhecimentos dos antepassados.

Nesse contexto, o senhor Luciano Tamana Kayabi e o senhor Moacir Kawit Kayabi conversaram com os alunos e explicaram sobre a relação do filme com a história do nosso povo Kawaiwete. O senhor Luciano Tamana Kayabi fez uma breve explanação sobre o enredo, fazendo a comparação dele com a realidade vivida pelos Kawaiwete quando estavam no Batelão, narrando como ocorreu todo o acontecimento relacionado à saída forçada dessa terra, que foi muito triste para o meu povo.

O senhor Moacir Kawit Kayabi, por sua vez, viveu o momento da retirada do povo do Batelão e, emocionado, falou com os presentes em língua materna sobre o que ele viu no filme e sobre os nomes das pessoas que conseguiu identificar, já que, em algumas partes da obra, alguns kayabi falam na língua materna, o que representou para ele as partes de maior compreensão da narrativa. Um fato comentado pelo senhor Moacir foi uma cena em que os irmãos Villas-Bôas apontam a arma para os Kawaiwete, para que eles embarquem no avião que os levaria para o Xingu, uma vez que ele presenciou esse episódio.

Quando ouvia os nomes das pessoas, como *Prepory*, ele apontava e, em língua materna, comunicava que havia conhecido aquela pessoa. Sobre esse momento, também explicou que outros Kawaiwete fugiram pela mata, deixando tudo para trás, para não serem levados à força para o Xingu. Conforme o senhor Moacir Kawit Kayabi ia falando, o senhor Luciano Tamana Kayabi fazia a tradução para o português, a fim de que os mais jovens compreendessem o relato.

Após o filme, na aula de língua portuguesa e arte, dialoguei com os estudantes e passamos para a próxima fase da pesquisa e da prática pedagógica. Foi nessa organização da próxima fase que selecionamos em conjunto as temáticas de pesquisa e produção textual. Em coletividade, decidimos que seria importante aprofundar e escrever algumas narrativas e contação de história.

Assim, definimos e organizamos grupos de estudantes para conversar com os anciãos e aprofundar as seguintes histórias do povo: a Cachoeira Sagrada; a história da origem dos alimentos e da roça; a vinda do Batelão para *Tatuy* e a construção da aldeia *Tatuy* (as primeiras famílias); casas e festas tradicionais. A seguir, passamos às histórias.

4.1.2 A história da Cachoeira Sagrada

Assim como nas outras atividades, esta também seguiu a mesma metodologia e ficou sob responsabilidade da produção textual da aluna Analu Jurukatu Kayabi. A estudante utilizou a escrita narrativa de história, resultando no seguinte texto:

Irmã de dona Katu morreu uma menina, e seu pai sentiu muito por ter perdido sua filha, ela morreu de doença e também o cachorro tinha atacado ela, e naquele tempo não tinha medicamento do branco e ela teve febre que nunca passava, passou noite e dia com febre, e ela não aguentou e seus pais, o senhor JUPOT e a senhora RYWI, ficaram muito triste, e no dia seguinte seu pai disse para sua esposa e seus filhos: “Vamos descer até a Cachoeira”. E começaram a preparar tudo pra eles descer e passaram a noite na mata. E no outro dia quando amanheceu, continuaram até que chegaram, eles foram pra passear e seu pai disse: “Vamos lá pescar, comer peixe grande”, e por isso vieram até a Cachoeira, mas chegando no meio da Cachoeira, a canoa feita de casca de jatobá afundou. Jupot disse para saírem da canoa, porque ele não ia mais sair daquele lugar.

Assim disse para sua esposa e seus filhos, e sua esposa lhe perguntou: “Por que você não vai mas sair?” Ele respondeu: “Porque agora aqui será o lugar onde vou morar”. E sua esposa e seus filhos ficaram muito triste com o que o pai lhe disse, e ele tava sem roupa do corpo e sem nada vestido e também era pajé, um dos pajé mais forte que tinha, ele transformava em ave e animais. E sua esposa com seus filhos vieram embora sem o pai. Quando foi a noite, um gavião estava cantando, e os filhos de dona Rywi perguntaram para a mãe o que era que está cantando, e ela disse para eles: “É o seu pai, vocês não precisam ficar com medo dele”. E ficou cantando duas noite até amanhecer.

Esta é apenas uma parte da história ouvida pelos estudantes e registrada pela aluna. A narrativa continua, e a estudante explica no texto que “a Cachoeira ficou muito alegre com o senhor Jupot porque agora ele se transformou em sucuri”. É assim que essa cachoeira é sagrada para o meu povo: ela é o lugar onde mora o pajé Jupot.

A metodologia utilizada para o desenvolvimento dessa atividade foi a seguinte: fizemos um plano de aula das disciplinas de língua portuguesa e artes (de uma semana) para trabalhar com os estudantes, ouvindo os áudios que foram gravados e narrados pela dona Katu Kayabi. Também orientei a busca de outros relatos existentes de vídeos que se encontram no YouTube, como um documentário produzido pelo Projeto Novos Talentos, realizado pela Unemat, com a coordenação da Professora Waldinéia Antunes de Alcântara Ferreira. Esse documentário, que conta com participação especial dos anciãos e anciãs na Cachoeira Sagrada, na Terra Indígena Apiaká-Kayabi, relata a história do Pajé, pai de Dona Katu, narrando como aconteceu a transformação do pajé em serpente e o motivo pelo qual a cachoeira é sagrada.

O vídeo subsidiou a compreensão e auxiliou no registro escrito, além de mostrar que já existe uma documentação, um registro em vídeo. Também dialogamos sobre a importância de a história estar registrada na forma escrita, sendo contada de modo que pudesse ser compreendida. Utilizamos, por diversas vezes, o espaço fora da sala de aula, para que os alunos ficassem à vontade, utilizando como meio tecnológico o *notebook*, para depois realizarem a digitação de texto. Os celulares foram usados para os registros com fotos, áudios e pequenos vídeos; eles utilizaram também a internet para pesquisarem e localizarem esses materiais.

O trabalho foi realizado coletivamente, uns escrevendo, outros ajudando na transcrição, fazendo desenhos e discutindo como seria melhor produzir o material. Todos participaram da produção.

4.1.3 A história da origem dos alimentos e da roça

A origem dos alimentos se inicia nas sementes, para, mais tarde, o povo Kawaiwete criar as suas roças. Essa narrativa faz parte da explicação de como surgiram os alimentos que temos hoje. Relata a história que uma mulher viu seu povo com poucos alimentos e se transformou em várias sementes e ramas, que brotaram da terra como alimento.

[...] Tinha uma senhora que vendo que seus filhos estavam passando necessidade de alimentos, veio pedir a seus filhos que procurassem um lugar, para poder fazer uma plantação. Depois que fizeram todo o trabalho, disseram a ela que estava pronto, então ela disse a eles, que era pra eles amarrar a rede dela bem no meio da derrubada da roça, e que os filhos dela tinha que fazer isso, só assim eles iriam ter sementes de alimentos. Armaram a rede dela, e depois colocaram fogo na roça, e assim eles foram embora pra suas casas muito triste.

De acordo com a narrativa, eles colocaram fogo na roça e não obedeceram a todas as regras, como levar o Xiri para que a mãe não se transformasse em paca. Como não fizeram o que foi pedido, a mãe nunca mais voltou, mas, segundo essa história, passamos a ter uma diversidade de alimentos, como batata, feijão, milho, amendoim etc. Esses alimentos surgiram de cada parte do corpo da mulher.

Essa foi uma das narrativas transcritas por Joicilene Yuwikatu Francisco, que tem 18 anos de idade. Ela escreveu sobre a história de origem dos alimentos, os quais fazem parte da nossa roça até hoje. Para ter esse conhecimento registrado, foi feita uma pesquisa. Ela relatou em seu texto que:

[...] primeiramente eu e demais colegas fomos juntamente com a professora, até a casa de meu avô Kanísio Kayabi, era na parte da tarde, mais ou menos lá pras quinze horas da tarde, e onde chegamos na casa de meu avô, e ele já estava esperando nós. E foi de baixo do pé de manga que fica bem próximo de sua casa, onde nós ficamos sentados ouvindo suas explicações.

Para esse momento de escuta, os estudantes tinham em mãos um roteiro para se orientar. A estudante escreveu em seu texto que, além de ser na oralidade, eles ficaram bastante atentos, e registrou: *“Conforme meu vô ia explicando ia surgindo algumas curiosidades, e algumas vezes eu perguntava”*. Observo que a aluna não fica apenas seguindo roteiro, ele serviu apenas para dar início à conversa. Ela relata:

Meu avô Kanísio Kayabi, conta que as roças eram feitas muitas vezes pequenas ou grande, mas era conforme a necessidade dos Kawaiwete a importância de fazer a roça segue desde a muito tempo, primeiro não tinha muita semente para ser plantado. Para fazer a derrubada da roça, o nosso povo utilizava o machadinho de pedra, pois naquele tempo vinha ser um dos meios de cortarem alguma coisa, pois não tinha a faca como agora tem o machado dos brancos.

Naquele tempo tinha e tem até hoje, tudo um preparo, para fazer a roça, pois esse vem ser um papel do homem Kawaiwete, os homens é que vão escolher o local onde vai se fazer a roça, olham se é um lugar onde a terra é boa para plantar, assim começar a derrubada, e depois fazer o aceiro para fazer depois ser colocado o fogo, dessa forma o fogo não vai ultrapassar do limite demarcado. Mas antes tem que esperar secar bem as arvores derrubadas para depois pôr o fogo.

Meu avô conta que primeiro quando fazia a derrubada da roça, era com o machadinho de pedra, era o menor e também o maior, amolava bem, na pedra para pode ficar boa para fazer a derrubada. Para isso levava meses, para concluir o trabalho, mas sempre era no coletivo o trabalho, isso dependia se a roça fosse muito grande demorava mais, e se fosse menor o trabalho era mais rápido. Meu avô conta que antigamente, para fazer a medida e o espaço que utilizava para fazer o plantio, era através de um pedaço de galho, do Api, é o tempo em que o chimico, começa a cair, que se inicia no mês de outubro, aí é o tempo de plantar o amendoim.

E também conta que no período em que o homem casado tem seu filho pequeno ou sua esposa está grávida, não pode fazer a derrubada da roça e também, colocar o fogo, pois para nós Kawaiwete, vem prejudicar a criança.

Então quando tinha algum que estava com sua esposa grávida, ou tinha um Bebê, pedia que outra pessoa fosse fazer esse trabalho para ele.

Entendi que são regras e costume do nosso povo, e que precisa ser falado e ensinado para nós juventude, também esteja no meio familiar. como estávamos conversando sobre a Roça e os costumes, meu avô Kanísio Kayabi contou a História que vem falar da origem dos alimento, e ele disse que é história que ele ouviu durante a sua infância e que era muito contada, pelos mais velhos, e hoje ele vem contar para nós.

De acordo com Kambeba (2018), a escrita é um instrumento de luta importante para os povos originários, porque facilita os registros dos conhecimentos que eram transmitidos apenas pela oralidade. *“Com a escrita nasce a literatura indígena, uma escrita*

que envolve sentimento, memória, identidade, história e resistência” (Kambeba, 2018, p. 39). Com a escrita, podemos manter a oralidade registrada, a forma de mostrar a luta dos povos indígenas, escrevendo sobre a vivência, as tradições, que são muito presentes no nosso cotidiano.

É através da escuta da oralidade que colocamos o sentimento em prática na escrita, registrando as histórias que envolvem os ensinamentos e a cosmologia que cada povo expressa em sua cultura. A escrita contribui com o fortalecimento da identidade e a resistência de lutar cada vez mais por nossos direitos.

4.1.4 A história da vinda do Batelão, a construção da aldeia Tatuy e as primeiras famílias

Apresento agora uma das narrativas construídas por um dos anciãos da aldeia, com a ajuda de registros antigos de leitura. Assim, a história da aldeia *Tatuy* foi contada pelo senhor Luciano Tamana Kayabi, que fez uma pequena contextualização de como se deu a trajetória dos Kawaiwete da Terra Indígena Batelão até a abertura da aldeia *Tatuy*. Esta é uma das narrativas mais difíceis de ouvir e de transcrever, pois se trata de uma história verdadeira, como todas as outras, e envolve fatos e acontecimentos.

O senhor Luciano, explicou que, para os anciãos que vivenciaram o momento em que saíram do Batelão e vieram para o território onde hoje residem, essa foi uma trajetória sofrida, pois deixaram para trás suas memórias, vivências e histórias daquele lugar. Por isso, quando lembram, ficam muito pensativos, sobretudo quando o assunto envolve episódios de violência.

Conforme o ancião vai relatando sobre a vinda do Batelão para a aldeia *Tatuy*, vai se emocionando, assim como eu e os estudantes, afinal, não é a primeira vez que ouvimos essa história. Mesmo antes da pesquisa, relatos e narrativas sempre estiveram presentes, principalmente porque existe uma luta até hoje pela reconquista do nosso território.

No ano em que ocorreu a retirada do povo da Terra Indígena Batelão, houve vários acontecimentos tristes de violência, devido a conflitos com fazendeiros e seringueiros presentes no território. Os conflitos se intensificaram, e algumas famílias se deslocaram para a aldeia *Tatuy*, antes chamada de posto *Tatuy*, enquanto outras foram levadas pelos irmãos Villas-Bôas para o antigo Parque Indígena do Xingu, hoje denominado Terra

Indígena do Xingu. Esse movimento ocorreu entre os anos de 1960 e 1966, pela “operação Kayabi”, projeto da Marcha para o Oeste, iniciada na década de 1940⁹.

Esses acontecimentos continuam, pois a luta por nosso território não tem sido fácil. Vinicius Sassine, em notícia no Instituto Socioambiental¹⁰, anunciou em junho de 2023 que “A tese do marco temporal, que limita as demarcações de territórios tradicionais, beneficia um grupo de grandes fazendeiros autuados por infrações ambientais e que se apossaram de áreas da Terra Indígena Batelão, no norte de Mato Grosso”.

Na reconstrução da história pela escuta ao senhor Luciano Tamana Kayabi, foram cinco as famílias que chegaram a *Tatuy*.

Era essas pessoas que eu conheci e faz parte da história, tinha apenas cinco Famílias, Família de Tumakai, Luiz Pedro, Maru, Simão Kuapan e Francisco Juporiup, mas moravam todas distantes umas das outras, e o capitão Francisco que ficava ali perto da beira do rio.

Na narrativa, percebe-se a memória fazendo voltas, indo e vindo e trazendo várias informações, como a expedição – provavelmente a Roncador-Xingu, por ter sido chefiada pelos irmãos Villas-Bôas. Depois, o ancião traz a memória do Pe. João Donauster, que, segundo Grünberg (2004), fez contato com o meu povo em 1955, tendo sido uma das pessoas que contribuíram com a fixação dos Kawaiwete na aldeia *Tatuy*.

Com as leituras de Grünberg (2004), observo algumas aproximações das informações narradas por Luciano Tamana Kayabi. Havia na aldeia *Tatuy*, em 1966, cinco casas, e encontro alguns nomes citados, como Kwaban/Simão e Kûya’eté; Timaka’i e Morerãu; Yaray’ok Maró e Katayu’i; Yupari’up/Chico e Moneyu’i/ Maria Lurdes, ainda aparece a família Kwasiari/Tukuma’wapé/Frederico e Tipi.

A aldeia foi sendo construída com a ajuda de todos que nela moravam, além de outros não indígenas que também estavam no local, como os austríacos. Também foi construída uma pista de avião para atender a pacientes e trazer alguns mantimentos. Aos poucos, a aldeia foi ficando mais habitada, e recebemos ajuda das irmãs Helvécia e Conceição (as irmãszinhas), chegadas em 1975, que davam aulas e auxiliavam na enfermagem.

Percebi que, durante esse período no qual estive junto com o senhor Luciano Tamana Kayabi e os outros anciãos, passei a ter uma visão mais clara de como o meu

⁹ Disponível em: <https://site-antigo.socioambiental.org>. Acesso em: 26 abr. 2024.

¹⁰ Disponível em: <https://terrasindigenas.org.br/>.

povo tem diversas histórias, que estão vivas em suas memórias e, quando são contadas na oralidade, a forma como se expressam demonstra sentimentos ao falarem dos lugares onde moravam.

Para ouvir cada um dos anciãos, foi preciso me colocar no sentido da escuta (Ferreira, 2014), aprofundar a história, ouvir com muita atenção e compartilhar as narrativas com os estudantes em sala. As produções deles foram sempre discutidas, e a escrita procurou construir uma literatura nossa, com um jeito de escrever que narra a partir das vozes do ancião. O estudante Edson produziu a narrativa da história da aldeia *Tatuy* no produto com bastante cuidado, procurando respeitar a história contada – uma escrita significativa na composição da nossa literatura Kawaiwete. Como diz Daniel Munduruku:

A escrita é uma técnica. É preciso dominar essa técnica com perfeição para poder utilizá-la a favor da gente indígena. Técnica não é negação do que se é. Ao contrário, é afirmação de competência. É demonstração de capacidade de transformar a memória em identidade, pois ela reafirma o ser na medida em que precisa adentrar no universo mítico para dar-se a conhecer ao outro (2018, p. 83).

É com esse sentimento que confeccionamos o produto educacional, registrando as nossas histórias, memórias e lutas.

4.1.5 *Festa tradicional Kawaiwete: Jowosi*

Entre as nossas diversas festas, falarei aqui do *Jowosi*, que antigamente era muito importante para o meu povo, porque fazia parte da organização social Kawaiwete. No desenvolvimento deste trabalho, apresento duas histórias sobre esse mesmo tema: uma narrada pelo senhor Kanísio Kayabi, outra pela senhora Katu Kayabi. Temos, portanto, duas versões, uma por uma mulher e a outra por um homem, que relataram sobre as festas tradicionais Kawaiwete, que envolve a vivência e também a cosmologia.

A festa mencionada se chama *Jowosi*, feita pelos nossos antepassados, a qual reunia várias ações que organizavam a vida social Kawaiwete. Nessa festa, há cantos e danças que têm a participação de todos. O *Jowosi* é composto de vários cantos, entre eles, o *Pyta Pyta*, do qual somente as mulheres mais velhas participam. Dona Katu relata:

Quando tinha festa, ajuntava toda a meninada, e era muita gente, e era bonito a festa do Jowosi, e a festa do canto das mulheres mais velhas que é o Pyta Pyta (Waiwi) só tinha essas festas, não tinha outro.

Antigamente, a festa durava muitos meses; hoje na aldeia *Tatuy*, o *Jowosi* (vários cantos) é cantado em diferentes momentos, incluindo o canto e a dança Kawaiwete, que

foi sonhada por um pajé. De acordo com o relatório do Iphan (2005), quando os cantos são feitos para diversão, apresentações, participação dos movimentos indígenas e outras comemorações, é cantado o *Jowosi tee*.

Para chegar a esse resultado, pesquisamos diversas informações, iniciando pelas conversas com o senhor Kanísio Kayabi e com a senhora Katu Kayabi. Os estudantes também estiveram com os anciãos e, de forma coletiva, e a pesquisa aconteceu com roteiro pré-elaborado de orientação para o processo de escuta e de diálogo sobre o *Jowosi*.

De início, realizamos encontros perto da casa do senhor Kanísio Kayabi, localizada nas proximidades da escola. Esses encontros precisaram se repetir algumas vezes, e em todas as ocasiões em que precisamos estar com o ancião para entender a complexidade do *Jowosi*, fomos bem recebidos. A disposição dele nos alegra, evidenciando o seu esforço em nos dedicar a sua atenção e orientar, compartilhando com satisfação as histórias que já vivenciou. Vale citar que Kanísio Kayabi é um cantador da aldeia *Tatuy*, uma liderança que muitas vezes tem contribuído com o fortalecimento da cultura, porque sempre esteve em luta, orientando a comunidade na continuidade das festas *Kawaiwete*.

As contribuições sobre as festividades também vieram da senhora Katu Kayabi. Depois da escuta, das orientações dos anciãos e de conversas e orientações da professora e pesquisadora, dois estudantes do 2º ano assumiram a responsabilidade de aprofundar seus conhecimentos no *Jowosi*. Esse aprofundamento incluiu a formulação de perguntas e a realização da transcrição dos áudios gravados.

De volta à sala de aula, descreveram sobre a vivência e a cosmologia que envolve os cantos, contando uma pequena história sobre o canto *Kawaiwete*¹¹. Além disso, uma das alunas do segundo ano assumiu a responsabilidade pela escrita das histórias narradas pela senhora Katu Kayabi.

Assim, a estudante Fabiele Kayabi descreveu a narrativa da anciã sobre a forma como eram realizados os preparativos da festa *Jowosi*, incluindo a alimentação. Ela explicou como são as danças, as regras e os costumes envolvendo a reclusão da menina moça, relatando sobre a experiência que teve durante esse processo de reclusão – costume e tradição dos *Kawaiwete*.

¹¹ Mesmo que estejamos falando do *Jowosi*, trago o canto *Kawaiwete*, porque é mais novo e não faz parte do repertório antigo. Foi sonhado pelo Pajé e hoje é bastante cantado – para nós *Kawaiwete* é de muita importância. Como ele é um canto sonhado pelo pajé, é sagrado.

Os estudantes Diogo Mairaiup Mani e Karine Myau Kayabi, também do 2º ano, registraram a narrativa contada pelo senhor Kanísio Kayabi, em que ele descreve a festa *Jowosi* e os preparativos dos homens para esse evento. Além disso, narra uma história sobre o canto Kawaiwete, envolvendo a cosmologia do povo. Como parte da produção escrita, antes de organizar o texto final, os estudantes realizaram a transcrição da história e a organizaram para fazer parte do produto educacional.

O *Jowosi* era uma festividade que congregava várias aldeias Kawaiwete, como relata o senhor Kanísio Kayabi. Durante a realização da festa, reuniam-se todos em um lugar para a celebração, que durava de dois a três meses. Para acolher os convidados, era preparada uma casa bem grande¹², destinada a abrigar os rituais de canto e dança, além de disponibilizar uma abundante oferta de alimentos provenientes da caça, da pesca e da produção de chicha (*kawi*). Ele explica que:

O canto Jowosi é contando história, se encontrou um osso de peixe, ou dente de onça ou porco, aí vai convida as pessoas para fazer a festa, mas tem que cantar mesmo, os homens preparava a roça, procurava comida para o pessoal não passar fome, assim vai contando a história em forma de canto, onde os homens puxam a frente, e as mulheres respondem cantando.

De acordo com as narrativas da senhora Katu Kayabi, o *Jowosi* era grandioso, envolvendo caçadas, conquistas, e cada momento vivido era acompanhado de um canto diferente. Ela afirmou em sua narrativa que os homens é que iniciavam os cantos – eles sempre foram os cantadores. Conforme o relatório do Iphan (2005), as atividades do *Jowosi* são acompanhadas por cantos, como no relato da anciã. No relatório consta ainda que até o convite para a festa *Jowosi*, que acontecia em uma aldeia Kawaiwete, era feito por meio de cantos, e quem recebia o convite o fazia com cantorias: “o *wyriat*¹³ recebia o guerreiro/portador do convite cantando o *Jauapat*” (p. 9).

Geralmente, o caçador, o pescador ou até mesmo a conquista dos inimigos fazia com que o *Jowosi* acontecesse e, conforme o relatório, o cantador/guerreiro ia fazer o convite para a festa com uma peça da sua conquista, relatando a história nos cantos. Também convidava as meninas para a festa do *Jowosi*; se o convidado aceitasse, cantava de volta, aceitando; caso contrário, explicava no canto que a menina ainda não estava preparada. Essas meninas são chamadas no canto de *Inimo*.

¹² “A casa ideal para o *Jowosi* deve ter um telhado de palha denso, feito em duas águas, seguindo até o chão, e um comprimento médio de, pelo menos, uns 30 por 10 metros” (Iphan, 2005).

¹³ *Wyriat* significa “dono do lugar”.

Nos cantos, os homens referem-se às mulheres como *Inimo*, cuja tradução literal é algodão. O cantor poderá cantar que seu “algodão” (=filha) já está maduro e que pode ser levado para reforçar o coro feminino ou cantará uma música dizendo que seu algodão não está maduro o suficiente para ser colhido, ou seja, para ser levado para ajudar na festa. Além disso, o cantor que recebe o guerreiro que está fazendo o convite pode também informar a todos, através do canto, sobre os possíveis enlances matrimoniais de sua jovem filha (Iphan, 2005, p. 9–10).

Então, quando os convites eram feitos e como durava bastante tempo, algumas famílias já deixavam as suas filhas em reclusão e com os cantos do *Jowosi* também acontecia a festa da menina moça. Assim, a senhora Katu relata sobre a sua própria reclusão:

[...] minha mãe deixou eu presa, e eu ficava na rede sem nada, não tinha coberta era na rede puro, minha mãe não deixava fazer nada, ela ficava cozinhando pra mim, fazia as comidas que eu ia comer, minha mãe falava que era pra mim ficar quieta, e tinha que obedecer, comia e bebia kawi de milho torrado, e tinha alguns peixe que também não podia comer, eu obedeci minha mãe. Aprendia fazer todos artesanatos da mulher Kawaiwete e conselho de mulher

Essas histórias fazem parte não apenas da memória dos anciãos, mas dos sentimentos que vivenciaram nessas manifestações culturais. São expressões fortes da nossa cultura, que muitos de nós não entendem, em relação ao passado e às mudanças que foram ocorrendo ao longo do tempo. Na pesquisa, a forma de escutar foi outra e, sendo em coletividade com os estudantes, foi fundamental realizar o trabalho de escrita e registros, porque é um jeito de manter nossas histórias e as memórias do meu povo.

Essas memórias e histórias são verdadeiras e falam da nossa cultura, do desafio que é continuar expressando-a, uma vez que o mundo em que vivemos começou a se transformar desde o contato com os brancos. Mesmo que muitas histórias tenham sido vividas por anciãos e anciãs, elas fazem parte da nossa ancestralidade, pela presença dos *Ma'it*, que ajudam na cura das doenças espirituais, os cantos *Jowosi* feitos para os animais, que têm *ai'an* como os seres humanos. Nesse sentido, a escrita ajudou a ter e a fortalecer essa consciência da ancestralidade.

Essa consciência em torno da ancestralidade faz da literatura indígena um exercício de pensamento que pode ser revelado na feitura de um colar, de uma esteira e dos utensílios extraídos do barro; na textura da floresta, na plumagem e no canto dos pássaros; no coaxar dos sapos, anunciando a chuva; na convivência com os animais domésticos, na água, no ar e outros elementos da natureza. Estes são alguns aspectos que compõem a especificidade da literatura indígena (Graúna, 2014, p. 53).

Diante dessas histórias, a literatura se faz presente e, nesse sentido, a literatura indígena, a partir desse momento, torna-se uma literatura do meu povo Kawaiwete.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Constituição Federal Brasileira de 1988 vem quebrar barreiras, tirando o olhar colonialista e assimilacionista do estado brasileiro sobre os povos indígenas, assim como este trabalho, que estuda e apresenta a literatura Kawaiwete. Pela legislação e pelas narrativas indígenas, muda-se a ideia de que todos os povos indígenas são iguais e que devem viver todos do mesmo modo. Assim, a Constituição contribuiu para mudar a organização educacional, de forma que a educação escolar indígena passou a ser diferenciada. Foi um jeito de procurar sair da padronização das formas de ensino para um ensino protagonizado pelos professores/as indígenas com conteúdos específicos, mesmo que isso tenha constituído um desafio.

Pensando no currículo específico, menciono que a escola Juporijup tem trabalhado dentro de uma prática pedagógica em que as atividades que envolvem práticas culturais, danças, artesanatos, jogos, brincadeiras e narrativas do povo (na pesquisa também) – essas atividades contam com a participação dos anciãos da comunidade. Também ensinamos sobre como ter o cuidado com a natureza, as plantações da roça, pesca com timbó, atividades que estão no calendário da escola e não deixam de ser narrativas do povo.

Por compreender que é de grande relevância registrar as histórias narradas pelos anciãos da comunidade é que esta pesquisa de mestrado se desenvolveu junto com uma pesquisa pedagógica de ensino pela pesquisa, em que os estudantes são autores dos seus textos a partir de escuta e pesquisa junto com os anciãos. O povo Kawaiwete e a escola têm a preocupação de fortalecer a escrita de pequenos textos, de modo que jovens e crianças não deixem de lado as histórias e os costumes do seu povo.

Essa metodologia pedagógica pela pesquisa e pelos registros escritos em forma de literatura indígena levaram os estudantes a se envolverem, aprofundarem e compreenderem sobre as histórias do próprio povo. Também estão compreendendo como são fundamentais os registros escritos, utilizando os desenhos e as pinturas que pertencem ao povo, para que, assim, possam ter o conhecimento e atuar na valorização da cultura e dos costumes, para que a sociedade também possa conhecer sobre nossa cultura.

A pesquisa e a prática da pesquisa e escrita dos estudantes despertaram a curiosidade nos/as alunos/as da comunidade sobre as histórias do povo Kawaiwete, bem como os ensinamentos e valores. Mostraram ainda que se deve aproveitar e valorizar as pessoas que conhecem essas histórias, para que sejam repassadas de geração em geração e que as futuras gerações possam vir a ter acesso a esses conhecimentos.

De acordo com Freire (1996), ensinar exige pesquisa, e foi esse caminho que assumi na realização da prática pedagógica com os estudantes do Ensino Médio. O desenvolvimento da pesquisa é um desafio, pois compreendo que ela possibilita conhecer cada vez mais sobre a cultura do meu povo e sobre as histórias que são diversas.

Durante esse período de estudo e em todos os momentos compartilhados com os estudantes, professores e principalmente os anciãos e anciãs da aldeia *Tatuy*, experienciei muito aprendizado e compreensão. Foi desafiador tanto para mim quanto para os estudantes registrar na forma escrita, ouvir gravações e depois realizar as transcrições, exigindo orientação e conversa para que chegássemos ao resultado.

A responsabilidade de registrar a história Kawaiwete da aldeia *Tatuy* foi muito significativa para nós, e entendo que este é um começo de um compromisso com a comunidade e com o meu povo. Espero que tenhamos muitos outros registros das histórias que fazem parte dos nossos costumes e da nossa cultura.

A construção do produto é resultado de muito trabalho de escuta, escrita e reescrita, e ele contém os registros das histórias Kawaiwete, envolvendo os fatos e a cosmologia, que mostra a nossa crença envolvendo a natureza. Aqui quero mencionar a discussão de Ferreira (2014) sobre um currículo e uma pedagogia cosmo-antropológica, pois a literatura Kawaiwete construída a partir da escuta e dos registros também se insere dentro desse pensamento. Dentro da educação escolar indígena, estamos buscando continuar e manter nossas aprendizagens próprias. Também entendo que registrar as nossas histórias, sendo nós mesmos, é um ato de resistência.

A nossa literatura parte das narrativas históricas Kawaiwete, pois são registros de histórias narradas pelos próprios anciãos e anciãs da aldeia *Tatuy*. Nessas oportunidades, os próprios estudantes tiveram tempo de ouvir e de saber o quanto nossos anciãos e anciãs têm memórias, histórias e ensinamentos riquíssimos, que são as informações e orientações do nosso jeito de viver.

Percebi o quanto é importante saber fazer o processo de escuta e acessar os mais velhos como os sábios que são. Compreendo ainda que professores e professoras da escola precisam continuar consolidando cada vez mais o currículo próprio do seu povo. Ademais, é preciso buscar envolver os estudantes na produção dos registros das histórias, dos cantos e de tantos outros assuntos, reforçando tanto a escola quanto a aldeia.

O produto educacional, além de ajudar a escola, é um material de força e da identidade Kawaiwete. É importante lutar para sermos ouvidos, com a escrita sendo registrada. Escrever é um movimento de permanência e de existência, porque pode levar

informações sobre a história do meu povo para muitos outros lugares. Também é uma forma de fortalecer a nós mesmos – e que isso não se perca. É preciso cada vez mais irmos em busca de reconhecimento, sermos donos das nossas próprias histórias, ou seja, as histórias escritas da literatura Kawaiwete. Vale ressaltar que a produção final que se fundamentou na pesquisa possibilitou que os estudantes do Ensino Médio – e eu mesma – aprendessem muito sobre as nossas narrativas e histórias, tendo como narradores os sábios e sábias, os anciãos e anciãs da nossa aldeia *Tatuy*.

E agora, como penso e como vou utilizar esse produto pedagógico na escola? Este produto educacional não será utilizado apenas na escola, mas também há o desejo de compartilhá-lo em meios tecnológicos, como YouTube e outros tipos de publicações, para que diversas pessoas possam conhecer as histórias do povo Kawaiwete. Que seja uma produção de leituras com/dos estudantes e que professores e professoras da escola possam utilizá-lo conforme seus planejamentos. Também é importante ressaltar que o produto pedagógico pode ser acessado tanto nas escolas indígenas quanto nas escolas não indígenas, assim como pela própria comunidade.

Este trabalho foi um desafio, porque se trata de uma dissertação de mestrado profissional, uma produção escrita realizada sob o processo de escuta e pesquisa junto aos anciãos de forma coletiva com os estudantes – e, acima de tudo, porque as aprendizagens registradas e vividas são da nossa cultura; todavia, muitas vezes não temos o conhecimento do todo.

De acordo com Kayabi e Ferreira (2022), as narrativas que se constituem como literatura Kawaiwete precisam ser registradas com a participação efetiva dos anciãos. Essa prática, quando realizada junto aos estudantes, aperfeiçoa e desenvolve a escuta, a compreensão para entender os ensinamentos e a valorização da cultura. Além disso, permite que o registro chegue até outras sociedades para que contribuamos com a construção de uma sociedade menos racista e assimilacionista, ou seja, com a construção da visão decolonial.

REFERÊNCIAS

BORGES, Águeda Aparecida da Cruz. Apresentação. **Fragmentum**, Santa Maria, n. 58, p. 21–32, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/fragmentum/article/view/66875>. Acesso em: 26 abr. 2024.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas**. Brasília: MEC/SECAD, 2005.

DANNER, Leno Francisco; DORRICO, Julie; DANNER, Fernando. Literatura indígena como descatequização da mente, crítica da cultura e reorientação do olhar: sobre a voz-práxis estético-política das minorias. In: DORRICO, Julie *et al.* (orgs.). **Literatura indígena brasileira contemporânea: criação, crítica e recepção**. Porto Alegre: Fi, 2018. p. 315–358.

DORRICO, Julie. Vozes da literatura indígena brasileira contemporânea: do registro etnográfico à criação literária. In: DORRICO, Julie *et al.* (orgs.). **Literatura indígena brasileira contemporânea: criação, crítica e recepção**. Porto Alegre: Fi, 2018. p. 227–255.

FERREIRA, Waldinéia Antunes de Alcântara. **Educação Escolar Indígena na Terra Indígena Apiaká-Kayabi em Juara/MT: Resistências e desafios**. 2014. 181 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz & Terra, 1996.

GRAÚNA, Graça. Literatura: diversidade étnica e outras questões indígenas. **Todas as Musas**, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 52–57, 2014. Disponível em: https://todasasmusas.com.br/10Graca_Grauna.pdf. Acesso em: 22 maio 2024.

GRÜNBERG, Georg. **Os Kaiabi do Brasil Central: História e etnografia**. São Paulo: ISA, 2004.

IPHAN. **Canções Jowosi da etnia kaiabi relatório final**. Brasília: IPHAN/FUB/FINATEC, 2005.

JACOBINA, Tânia Pascoal Metelo; LACERDA, Léia Teixeira. Contação de histórias tradicionais e leitura na alfabetização na escola municipal indígena Pilad Rebuá, Miranda, MS. **Ethnoscience**, Belém, v. 7, n. 2, p. 23–34, maio 2022. Disponível em: <https://www.periodicos.ufpa.br/index.php/ethnoscience/article/view/12643>. Acesso em: 26 abr. 2024.

KAMBEBA, Márcia Wayna. Literatura indígena: da oralidade a memória escrita. *In*: DORRICO, Julie *et al.* (orgs.). **Literatura indígena brasileira contemporânea: criação, crítica e recepção**. Porto Alegre: Fi, 2018. p. 39–44.

KAYABI, Lucinda do Carmo Sirayup; FERREIRA, Waldinéia Antunes de Alcântara. A contação de história como gênero da literatura indígena: vivências e relações pedagógicas Kawaiwete. *In*: Congresso Científico Internacional da Rede de Pesquisadores sobre Povos Originários e Comunidades Tradicionais (RedeCT), 3., 2022, Barra do Bugres. **Anais [...]**. Barra do Bugres: Unemat, 2022. Disponível em: https://www.even3.com.br/anais/3_CCI_RedeCT_2022/534386. Acesso em: 05 set. 2023.

LARCHERT, Jeane Martins. O estudo de caso do tipo etnográfico na pesquisa em educação. *In*: MORORÓ, Leila Pio; COUTO, Maria Elizabete Souza; ASSIS, Raimunda Alves Moreira de (orgs.). **Notas teórico-metodológicas de pesquisas em educação: concepções e trajetórias** [online]. Ilhéus: EDITUS, 2017. p. 123–141.

MARAIUP, Dionísio. **Flechas Sagradas do Povo Kayabi**. 2016. 33 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia Intercultural) – Faculdade Intercultural Indígena, Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat), Barra do Bugres, 2016.

MATO GROSSO. **Orientações Curriculares: Diversidades Educacionais**. Cuiabá: Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso, 2010.

MUNDURUKU, Daniel. Escrita indígena: registro, oralidade e literatura - O reencontro da memória. *In*: DORRICO, Julie *et al.* (orgs.). **Literatura indígena brasileira contemporânea: criação, crítica e recepção**. Porto Alegre: Fi, 2018. p. 81–84.

CONSULTORES NATIVOS

KAYABI, Kanísio. **História da Roça e Origem dos Alimentos, Cosmologia Kawaiwete**. Terra Indígena Apiaká-Kayabi: Aldeia Tatuí, 2023.

KAYABI, Katu. **A História da Cachoeira Sagrada e Festa Jowosi**. Terra Indígena Apiaká-Kayabi: Aldeia Tatuí, 2023.

KAYABI, Luciano Tamana. **A História da vinda do Batelão à Aldeia Tatuy e a Construção da Aldeia Tatuy e as primeiras famílias**. Terra Indígena Apiaká-Kayabi: Aldeia Tatuí, 2023.

NARRATIVAS HISTÓRICAS KAWAIWETE



Organização: Lucinda do Carmo Sirayup Kayabi

Waldinéia Antunes de Alcântara Ferreira

TI Apiaká-Kayabi/2024

CONTADORES DE HISTÓRIAS

Katu Kayabi

Kanísio Kayabi

Maria Brites Kayabi

Luciano Tamana Kayabi

Moacir Kawit Kayabi

Estudantes

Analú Jurukatu Kayabi

Fabiele Kayabi

Karine Myau Kayabi

Joicilene Yuwikatu Francisco

Gislen Kwasiari Jurukatu

Edson Poias Kuasiari

Maicon Junior Jurukatu Kwasiari

Tailon Junior Jurukatu

Diogo Mairayup Mani Kayabi

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO.....	4
2. HISTÓRIA DA ROÇA.....	6
3. HISTÓRIA DA ORIGEM DOS ALIMENTOS	8
4. HISTÓRIA DA CACHOEIRA SAGRADA.....	16
5. FESTA JOWOSI	23
6. COSMOLOGIA KAWAIWETE.....	30
7. HISTÓRIA DA VINDA DO BATELÃO À ALDEIA TATUY.....	33
8. CONSTRUÇÃO DA ALDEIA TATUY E AS PRIMEIRAS FAMÍLIAS	37
9. SOBRE A ORGANIZADORA DESTE PRODUTO EDUCACIONAL.....	45

1. APRESENTAÇÃO

Este Produto Educacional é resultado do Projeto de Pesquisa do Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Ensino em Contexto Indígena Intercultural. Esta pesquisa foi realizada em conjunto com os estudantes da Escola Estadual Indígena de Educação Básica Juporijup.

A organização deste material contou com a colaboração direta da minha orientadora, Professora Waldinéia Antunes de Alcântara Ferreira, um trabalho coletivo de respeito e de reconhecimento pelo meu povo.

Os textos escritos neste Produto Educacional são de autoria de alunos e alunas do Ensino Médio (2º e 3º ano). A pesquisa e a escrita deste texto foram atividades realizadas durante as aulas de Língua Portuguesa e de Artes. Foi a partir dos movimentos de pesquisar, ouvir os anciãos e as anciãs, escrever e reescrever que produzimos este material sobre nossa literatura Kawaiwete. Reafirmamos que essa construção textual só foi possível a partir dos ensinamentos dos anciãos e da escuta deles.

Foi uma aprendizagem do gênero textual narrativa com pesquisa. Essa narrativa, mesmo sendo um trabalho escrito em língua portuguesa, mexeu com todos nós, alunos, alunas, comunidade, anciãos, anciãs e eu mesma, esta pesquisadora.

As entrevistas, os diálogos ou as narrativas escutadas das histórias, que são todas reais, produziram sentimentos, pois elas foram ouvidas presencialmente – algumas também foram gravadas. Assim, para escrever, era preciso lembrar, recorrer às anotações e também às gravações.

Foi um desafio trabalhar a produção de texto com os estudantes. Para orientar, olhei, li, reli, ouvi gravações e li os textos deles várias vezes. A cada vez que ouvia, principalmente a história da cosmologia Kawaiwete e a história da Cachoeira Sagrada, elas passavam da escrita para meus sonhos. Assim, por várias noites sonhei com meu avô, Pajé Simão, e penso que, de alguma forma, ele também falou comigo!

Sou grata a todos e todas, anciãos e anciãs, professores e professoras da escola, assim como minha orientadora, que ajudaram nesse processo!

Aos estudantes, meu muito obrigada pelas aprendizagens da docência e da pesquisa!

Encerro dizendo que este Produto Educacional é sobre nossas histórias, nossas crenças, nossa cosmologia!

2. HISTÓRIA DA ROÇA

Joicilene Yuwikatu Francisco

Naquele tempo, havia – e há até hoje – um preparo para fazer a roça. Esse é um papel do homem Kawaiwete. Os homens escolhem o local onde vai ser feita a roça, olham se é um lugar onde a terra é boa para plantar, e assim começam a fazer a derrubada.

Depois, fazem o aceiro, para então colocar fogo. Dessa forma o fogo não ultrapassa o limite demarcado. Mas antes precisam esperar secar bem as árvores derrubadas, para então pôr fogo.

Meu avô conta que, no início, fazia a derrubada da roça com o machadinho de pedra, tanto o menor quanto o maior. Amolava bem a ferramenta, na pedra, até ficar boa para fazer a derrubada. Levavam meses para concluir o trabalho, mas ele sempre era feito no coletivo. Se a roça fosse muito grande, demorava mais; se fosse menor, o trabalho era mais rápido.

Meu avô conta que, antigamente, a medida e o espaço que utilizavam para fazer o plantio eram feitos com um pedaço de galho, do *Api*. É o tempo em que o chimico começa cair, que se inicia no mês de outubro, essa é a época de plantar o amendoim.

Também conta que, no período em que o homem casado tem seu filho pequeno ou quando sua esposa está grávida, não pode fazer a derrubada da roça ou colocar fogo, pois para nós, Kawaiwete, isso prejudica a criança. Então, quando algum dos

homens estava com sua esposa grávida ou tinha um bebê, pedia que outra pessoa fosse fazer esse trabalho por ele.

Entendi que são regras e costumes do nosso povo, e que isso precisa ser falado e ensinado para nós, a juventude, para que também esteja no meio familiar.

Como estávamos conversando sobre a roça e os costumes, meu avô, Kanísio Kayabi, contou a história da origem dos alimentos. Ele disse que ouviu essa história durante sua infância e que era muito contada pelos mais velhos – e hoje a conta para nós.

3. HISTÓRIA DA ORIGEM DOS ALIMENTOS

Joicilene Yuwikatu Francisco

Antigamente, nosso povo não tinha muitos alimentos, então se alimentava de inajá, tucum e outros que há no mato. Havia uma senhora que, vendo seus filhos passarem falta de alimentos, veio pedir a eles que procurassem um lugar para fazer uma plantação.

Os filhos, curiosos, perguntaram de onde ela iria conseguir as sementes. A mãe respondeu que eles precisariam somente fazer uma derrubada bem grande, e que depois ela diria de onde retiraria as sementes.

Assim, os filhos obedeceram ao pedido de sua mãe e começaram a fazer a derrubada da roça.



Ilustração: Edson Poias Kuasiari (2023).

Depois que fizeram todo o trabalho, disseram a ela que estava pronto. Então a mãe pediu a seus filhos que amarrassem a rede dela no meio da derrubada da roça. Eles precisavam fazer isso, pois só assim teriam sementes de alimentos. Também fez um pedido: ela se transformaria em uma paca, e os filhos deveriam fazer um xiri para poder pegar a paca. Assim, a mãe voltaria a ser mulher.

A mãe pediu ainda que os filhos ficassem um tempo sem ir ao local. Eles só deveriam retornar depois que viesse a chuva e as maritacas sobrevoassem a aldeia, pois só assim eles iriam saber que as sementes estariam prontas para a colheita.

Os filhos ficaram muito tristes, mas foram atender ao pedido de sua mãe. Ela pediu que a levassem para o meio da roça e colocassem fogo, mas eles não queriam fazer isso. A mãe explicou novamente que eles precisavam fazer isso. Se não o fizessem, continuariam enfrentando dificuldades de alimentos, pois era dela que os alimentos surgiriam. Então, armaram a rede dela e depois colocaram fogo na roça. Assim, muito tristes, eles foram embora para suas casas.



Ilustração: Edson Poias Kuasiari (2023).

Passaram-se alguns meses, veio a chuva, e eles ficaram contentes, pois as maritacas passaram por cima da aldeia. Então foram ver como estava a roça.



Ilustração: Edson Poias Kuasiari (2023).

Chegando ao local, encontraram diversos alimentos: tinha batata, feijão, milho, amendoim.



Ilustração: Edson Poias Kuasiari (2023).

Assim surgiram esses alimentos, de cada parte do corpo da mulher. Como havia dito para seus filhos, ela ficou na beira da roça em forma de paca.

Porém, ao verem tanta fartura, esqueceram o que a mãe havia falado. Ela estava dentro do buraco na beira da roça, então eles pegaram um pedaço de pau e começaram a importuná-la, em vez de colocar o xiri no buraco. Assim, ela saiu correndo e escapou assustada.

Os filhos não conseguiram pegá-la, e só depois ficaram pensando no que a mãe deles havia falado. É por isso que até hoje se encontram pacas na beira da roça durante a queimada.

Então, a mãe permaneceu em forma de paca, e os filhos retornaram e foram colher os alimentos. Dessa forma, selecionaram as sementes e as guardaram para não se perderem, para que, na época de outras plantações, pudessem ter sementes para plantar.



Ilustração: Lucinda do Carmo Sirayup Kayabi (2023).

Para mim, essa foi uma experiência muito importante, porque há várias histórias que muitos de nós, jovens, não conhecemos. Assim, sentar e ouvir meu avô contando foi muito bom e, como ele já está na idade avançada, venho com muito prazer registrar essa narrativa, para que os demais netos dele e outros estudantes venham a conhecer essas histórias.

4. HISTÓRIA DA CACHOEIRA SAGRADA

Analú Jurukatu Kayabi



Ilustração: Edson Poias Kuasiari (2023).

Essa história é verdadeira e é importante para meu povo. Quem a contou foi Dona Katu Kayabi, filha do grande pajé Jupot. Ela disse que sua irmã morreu e que seu pai sentiu muito por ter perdido a filha. Naquele tempo, não havia medicamento do branco, e ela teve uma febre que nunca passava. Depois de noite e dia com febre, ela não aguentou, e seus pais, o senhor Jupot e a senhora Rywi, ficaram muito tristes.

O senhor Jupot não quis mais ficar no mesmo lugar onde morava, pois estava muito triste. Então, no dia seguinte, disse para sua esposa e suas filhas:

– Vamos descer até a cachoeira.

Então eles começaram a preparar tudo: colheram alimentos para descer o rio e fizeram bastante farinha. O senhor Jupot também quebrou bastante taquarinha para levar e fazer flechas.



Ilustração: Diogo Mairayup Mani (2023).

No dia seguinte, quando amanheceu, continuaram descendo rio abaixo, até chegar à cachoeira.



Ilustração: Lucinda do Carmo Sirayup Kayabi (2023).

Deixaram tudo pronto para seguir a viagem. Quando foi atravessar para o outro lado do rio, o senhor Jupot amarrou a canoa com um cipó bem forte, para poder fazer a travessia.

A mãe de Dona Katu disse a Jupot que a cachoeira era muito forte, que as águas eram bravas, mas ele decidiu continuar remando mesmo assim. Chegando no meio da cachoeira, o cipó arrebentou, e a canoa, que era feita de casca de jatobá, afundou.



Ilustração: Lucinda do Carmo Sirayup Kayabi (2023).

Dona Katu contou que seu pai afundou, mas antes pediu para os que estavam com ele saírem da canoa, porque ele ficaria e sabia que não iria mais sair daquele lugar.

Sua esposa, Rywi, lhe perguntou:

– Por que você vai ficar e não vai mais sair?

E ele respondeu:

– Porque agora aqui será o lugar onde vou morar.

Sua esposa, filhas e filhos ficaram muito tristes com o que ele disse. Jupot era um pajé, um dos pajés mais fortes que havia, ele virava cada tipo de ave e de animal. Depois disso, sua esposa, Rywi, e seus filhos e filhas procuraram um abrigo próximo à cachoeira.

À noite, um gavião estava cantando, e os filhos e filhas de Dona Rywi perguntaram para a mãe o que era que estava cantando. Ela disse para eles: “É seu pai, vocês não precisam ficar com medo

dele”. O pássaro ficou cantando em cima de uma pedra até o amanhecer, por duas noites.



Ilustração: Edson Poias Kuasiari (2023).

No outro dia, logo ao amanhecer, a senhora Rywi foi até a mata buscar vara e depois foi até onde seu esposo afundou para tentar encontrá-lo. Porém, lembrava-se do que ele falava, sempre com as mesmas palavras: “Daqui desse lugar eu nunca mais vou sair, aqui é minha casa, é meu lugar”. Lembrou também que ele disse a ela: “Aqui ninguém mais vai poder pescar, caçar, passear,

porque esse lugar é só meu e de mais ninguém, agora eu sou o dono desse lugar”.

A cachoeira ficou muito alegre com o senhor Jupot, porque ele se transformou em uma cobra grande, em sucuri, e cuida daquelas águas e daquele lugar.



Ilustração: Edson Poias Kuasiari (2023).

Até hoje ninguém consegue fazer uma caçada ou pescaria lá. É um lugar muito bonito, mas não se pode fazer barulho, pois quem vai até aquele local começa a ouvir estrondos que vêm da água. Também aparecem muitas outras cobras sucuri pequenas lá. Para ir à Cachoeira Sagrada, é preciso estar acompanhado de um pajé.

Dona Katu conta até hoje a história de seu pai, que afundou e nunca mais apareceu, porque ele está transformado e cuida do lugar. Isso é muito importante, pois a história da Cachoeira Sagrada é a transformação do pajé.

Conforme fui descrevendo a história, prestei bastante atenção e achei muito interessante. Sei que, daqui para frente, vou contar para minha filha (hoje com seis meses) o que ouvi e tive a oportunidade de escrever.

Essa narrativa é real, tem a espiritualidade, nosso sagrado. Eu já tinha ouvido essa história contada pelos meus avós e por minha mãe, mas não imaginava que a escutaria da própria filha do grande pajé. Hoje, descrever essa narrativa ouvindo-a da filha de Jupot foi muito interessante e importante.

5. FESTA JOWOSI

Fabiele Kayabi

Escrevo sobre uma das festas do meu povo Kawaiwete, de como acontecia antigamente. Essa festa ocorria com frequência, e quem fez essa narrativa a partir de lembranças e da memória do Jowosi foi a anciã Katu Kayabi, que mora na aldeia Tatuy.

Aqui descrevo a narrativa sobre a festa Kawaiwete que tem o nome Jowosi, a grande festa na qual se comemora uma caçada ou uma conquista. Nessa comemoração ao retorno dos caçadores com as caças, os que estão aguardando os caçadores, dançam e cantam diversos cantos, conforme cada momento vivido pelos homens. São os homens que iniciam os cantos, e logo em seguida as mulheres fazem o acompanhamento.

As mulheres participam de várias formas: fazem o preparo dos alimentos, dançam e cantam, estão presentes e comemoram a chegada dos caçadores. Sinto-me feliz em registrar as vivências sobre costumes e crenças que envolvem as histórias de meu povo.

Ouvi a história contada por minha avó, Katu Kayabi (é como a chamo). Ela tem parentesco com a minha família e, com respeito, chamo-a de Vó Katu. Essa narrativa traz lembranças e vivências que ela compartilhou, e escrevo trazendo partes da sua fala.

Ela inicia relembrando o tempo em que aconteciam as festas e como se preparavam:

– Quando tinha festa, ajuntava toda ameninada, e era muita gente, e era bonito a festa do *Jowosi*. Na festa as mulheres mais velhas (*Waiwi*), cantavam o *Pyta Pyta*. Só tinha essas festas, não tinha outro.

Ela lembra que os homens pediam para elas assim:

– *Kunjamet!* Canta pra nós.

E aí toda ameninada ia cantar na festa do *Jowosi*. Tinha muito homem, como ela lembra, e por diversas vezes, a forma como ela ia relembrando, ela falava conforme eles diziam para elas, e em um desses momentos ela diz que Temeoni falava assim:

– *Kunjantae pejeraky* (dança, meninada).

A menina tinha de segurar na cintura do cantor, para poder correr, pois o *Jowosi* é uma dança bem rápida. Por isso, a menina mais nova é que fazia parte da festa.



Ilustração: Lucinda do Carmo Sirayup Kayabi (2023).

A festa durava de quatro a cinco dias ou mais, durante a noite inteira. Ao amanhecer, paravam apenas para descansar e logo começavam novamente. Para que essa festa acontecesse, os homens iam para a mata atrás de muita caça. Enquanto caçavam, as mulheres ficavam preparando alimentos e, quando eles voltavam com a caça, elas também faziam todo o preparo do alimento.

Vó Katu, por algumas vezes, dizia:

– Eu dancei muito, era muito bonito!

Dentre os alimentos preparados pelas mulheres está o kawi, que é uma bebida tradicional, também conhecida por chicha. Quando era feito o kawi, as mulheres iam até a roça buscar milho e arrancar amendoim. Os homens que ficavam na aldeia ajudavam quebrando o amendoim, que elas socavam no pilão. As mulheres casadas faziam o trabalho separado das meninas solteiras, assim era feito o trabalho.

Quando estava tudo pronto, todas as pessoas eram convidadas, e o chefe – o cacique, que também era chefe da festa – ia convidar as outras aldeias para participarem.



Ilustração: Lucinda do Carmo Sirayup Kayabi (2023).

Durante a festa, Vó Katu diz que colocavam o kawi (ou chicha) dentro de uma canoa bem grande e, antes de todos tomarem, o homem (chefe da festa) precisava provar, para depois repartir com os demais. Se o kawi estivesse bom e fosse aprovado, todos os outros podiam tomar também.

O kawi era colocado bem grosso dentro da canoa, depois era afinado com a batata, para ficar mais ralo. Naquele tempo, ele era feito somente de amendoim e milho torrado, pois não havia arroz.



Ilustração: Lucinda do Carmo Sirayup Kayabi (2023).

Na festa do Jowosi, tinha peixe assado, beiju, porco assado e farinha fina. Assim era a festa: ninguém passava fome, pois havia muita comida.



Ilustração: Lucinda do Carmo Sirayup Kayabi (2023).

Era assim que acontecia a festa, o chefe da festa era o responsável para ir até outras aldeias e fazer o convite para as pessoas, os parentes, virem participar.

Conforme ia contando a história, Vó Katu lembrou também que a festa Jowosi acontecia quando alguma menina estava prestes a sair da reclusão. Então, acontecia a festa da menina moça, a qual marca a passagem da menina para a mulher, uma vivência que relembra regras e a crença envolvida nos nossos costumes Kawaiwete. Ela lembrou que, em um dos Jowosi, saiu de reclusão:

– Minha mãe deixou eu presa, e eu ficava na rede sem nada, não tinha coberta, era na rede puro. Minha mãe não deixava fazer nada, ela ficava cozinhando pra mim, fazia as comidas que eu ia comer, minha mãe falava que era pra mim ficar quieta, e tinha que obedecer, comia e bebia kawi de milho torrado, e tinha alguns peixes que também não podia comer, eu obedeci minha mãe. Aprendia fazer todos os artesanatos da mulher Kawaiwete e conselho de mulher.

Tudo o que Vó Katu cita são regras que a menina moça precisa seguir. Quando ela fala de alguns alimentos que não podia comer, são regras ligadas a experiências e crenças do nosso povo. As regras devem ser seguidas, pois acreditamos que, quando isso não é feito, podemos ter consequências na fase adulta.

A menina fica presa por um tempo, mas depende da família decidir quantos meses ela fica em reclusão. Só depois é que decidem que vão liberá-la.

Vó Katu explica que, quando uma menina estava perto de sair da reclusão, a família se preparava para fazer a festa. Precisava haver muita comida, e enfeitavam a menina bem bonita para mostrar para as pessoas. Os cantos feitos eram os do Jowosi.

É fundamental ouvirmos essas histórias. Gostei de saber como acontecia a festa do Jowosi e da menina moça, e como nossa cultura precisa estar cada vez mais fortalecida. Essas festas devem continuar acontecendo na nossa aldeia.

Achei muito importante ouvir e escrever, registrar essas histórias e conhecimentos que são relevantes para nosso povo.

6. COSMOLOGIA KAWAIWETE

Diogo Mairaiup Mani

Karine Myau

Esta história, contada pelo senhor Kanísio Kayabi, fala sobre a festa e o canto Kawaiwete. Ele a narrou da forma como a ouviu dos seus antepassados. Descrevemos a história de acordo com o que conseguimos compreender, para realizar a escrita.

Para a festa *Jowosi* começar de verdade, era necessário preparar muita coisa. As aldeias eram menores, mas quando acontecia a festa, todas se juntavam em um só lugar. A festa durava de dois a três meses, então preparavam uma casa bem grande para acolher os convidados. Havia muitos alimentos de caça e pesca, assim como a chicha (ou kawi), a bebida tradicional.

O senhor Kanísio conta:

– Na festa do *Jowosi* é contando história nos cantos que são entoados. Esses cantos descrevem vivências de caça, conquistas, e, achados, se encontrou um osso de peixe, ou dente de onça ou porco e isso significa algum valor, aí pode decidir contar essas histórias vividas. Elas são contadas na festa em forma de canto, e para acontecer a festa, vai convidar as pessoas para fazer a festa. Há uma preparação para a festa, os homens preparavam a roça e procuravam comida para o pessoal não passar fome.

Assim, vai contando a história em forma de canto, em que os homens puxam a frente, e as mulheres respondem cantando.

Durante essa festa também já faziam a roça para o ano seguinte, para plantar e ter bastante comida na próxima festa.

A festa principal dos Kawaiwete é o Jowosi. Nela se canta o Pyta Pyta, mas também tem o canto Kawaiwete, sagrado para o povo. O senhor Kanísio explica que o canto Kawaiwete é diferente do Jowosi, pois envolve a forma como nos foi dado esse canto. Ele veio pelo sonho do Pajé ensinando o que o povo deveria cantar.

O senhor Kanísio diz que tudo envolve a espiritualidade, e que há coisas que não se pode compartilhar, principalmente quando envolvem rituais. Por isso, ao cantar esse canto, que tem o nome Kawaiwete, precisa ser cantado com muita atenção, sem fazer confusão. Para nós, esse canto é novo e por isso estamos também aprendendo. O canto Kawaiwete é do pajé.

Falou também que a cigarra não é coisa boa para o povo. Por isso, quando as crianças mexem com ela, os pais precisam orientá-las a não fazer isso, porque a cigarra mora debaixo da terra, e por isso não se pode mexer com ela. Há segredos e sagrados que não podem ser compartilhados, e o pajé compreende esse sagrado.

É assim que, atualmente, cantamos o Kawaiwete, ele tem suas regras, e algumas somente os pajés sabem. Algumas coisas fazem parte do nosso cotidiano, em que somos orientados sobre o respeito àquilo que envolve a pajelança. Isso faz parte da cultura, e muito disso não se pode desvendar e compartilhar, por ser sagrado.

O senhor Kanísio falou bem pouco, mas conseguimos compreender o que estava querendo passar: as festas, os cantos, a bebida, os rituais envolvem a espiritualidade e o sagrado.

7. HISTÓRIA DA VINDA DO BATELÃO À ALDEIA TATUY

Edson Poias Kuasiari

Gislen Jurukatu Kwasiari

Taylon Junior Jurukatu

O senhor Luciano Tamana Kayabi fez uma breve narrativa sobre o Batelão e sobre o que ele ouviu dos seus antepassados em relação ao que aconteceu naquele tempo, até chegar à aldeia Tatuy. Ele nasceu lá no Batelão e cresceu aqui no Tatuy. Como era criança e tem poucas lembranças de lá, então compartilhou conosco aquilo que ele lembra.

Narrou que nosso povo Kawaiwete saiu da Terra Indígena Batelão na época em que estava ocorrendo uma expedição. Esse período não foi fácil, conforme seus antepassados relembram, e atualmente temos alguns dos anciãos daquele tempo, que enfrentaram esses conflitos, como ele disse, com seringueiros e fazendeiros.

Nessa ocasião, muitos do nosso povo foram levados para o Xingu, enquanto outros não quiseram ir e saíram para a mata em busca de outros lugares. Porém, todos aqueles que estavam no Batelão não saíram por vontade própria, pois nunca quiseram deixar aquele lugar, mas tiveram de seguir mesmo assim. Foi assim que aconteceu a transferência do nosso povo Kawaiwete até a região do Xingu, para onde foram levados de avião.

Tudo o que tinham plantado na roça, suas casas, suas criações, eles tiveram de deixar para trás. O senhor Luciano fala que os mais velhos, ficavam (e ainda ficam) muito tristes ao contar isso, pois não são lembranças boas que têm em suas memórias.



Ilustração: Lucinda do Carmo Sirayup Kayabi (2023).

Porém, ele diz:

– Lá naquela terra, nós temos nossos parentes enterrados, onde muitos de nós não tivemos mais oportunidades de visitar aquele lugar.

As pessoas que ficaram, desceram rio abaixo a pé, à procura de um lugar para recomeçar, e tiveram contato com o Padre João.



Ilustração: Lucinda do Carmo Sirayup Kayabi (2023).

O senhor Luciano também fez questão de contar como era e o que havia no Batelão:

– Lá nós tinha muita fartura, tinha roça e muita coisa plantada.

Ele contou ainda que, depois de muitos anos, ele foi até lá com grupos de Kawaiwete em uma expedição. Essa foi a oportunidade de rever o lugar onde morava:

– Tava muito diferente, já não era como antes, e ainda foi possível ver uns pés de banana que tinha lá. Passou muita coisa na cabeça ao estar naquele lugar.

Lembra que as famílias que ocupavam o Batelão percorriam diversos lugares do território. As aldeias eram formadas por famílias, que moravam perto das margens do rio.



Ilustração: Lucinda do Carmo Sirayup Kayabi (2023).

Assim, por diversas vezes, o Batelão é lembrado, bem como o que aconteceu lá. Dessa forma, percebemos o quanto nossos antepassados sofreram ao sair da Terra Indígena Batelão. Até hoje, nosso povo Kawaiwete está na luta pela demarcação. Nós precisamos conhecer mais as histórias e registrá-las.

8. CONSTRUÇÃO DA ALDEIA TATUY E AS PRIMEIRAS FAMÍLIAS

Gislen Jurukatu Kwasiari

Taylon Junior Jurukatu

Edson Poias Kuasiari



Ilustração: Lucinda do Carmo Sirayup Kayabi (2023).

Aqui descrevemos como se deu início à abertura da aldeia Tatuy e quais eram as famílias que se encontravam naquele período. Descrevo da forma como consegui compreender, pois achei interessante saber sobre a luta de meu povo Kawaiwete e sobre como foi que aconteceu a abertura da aldeia Tatuy.

O senhor Luciano Tamana Kayabi fez uma contextualização de seus conhecimentos, fazendo uma narrativa. A chegada até aqui ao Tatuy vem a ter vários motivos, e os invasores foram seringueiros e, principalmente, garimpeiros.

Ele não tem muita certeza sobre o ano, mas repete algumas vezes o ano do qual tem lembrança. Lembra que, em 1955, mais ou

menos, quando vieram para a aldeia Tatuy, nesse grupo estava um dos líderes do povo Kawaiwete, que vinha a se responsabilizar de cuidar do povo. Essa pessoa foi o Francisco, conhecido no idioma por Juporiup. Ele era muito jovem, mas tinha como uma de suas responsabilidades cuidar de seu povo.

Luciano relembra que o senhor Francisco Juporiup foi seu padrasto, pois foi casado com sua mãe. Mais tarde, sua mãe ficou muito doente e acabou falecendo. Depois de algum tempo, o seu padrasto se casou com Dona Lurdes. Ele casou novamente porque precisava de uma companheira para ajudar na criação dos filhos e seguir com a organização da aldeia Tatuy.

Com a chegada do padre chamado João Dornstauder à região, aconteceu o contato religioso com os Kawaiwete. Segundo seu Luciano o padre tinha uma missão de fazer algo que era para se cumprir com os indígenas. Ele não era brasileiro, e sim austríaco.

Vendo a necessidade e a dificuldade que o povo Kawaiwete tinha para chegar até o Batelão, devido às cachoeiras e porque era distante, pediu que o próprio indígena escolhesse um local que ficasse demarcado para construir a aldeia. Essa pessoa se chamava Francisco Juporiup, era cacique e líder do povo naquele tempo.

Assim, fica claro que não foi o padre que encontrou esse lugar, pois recebeu a ajuda dos indígenas Kawaiwete. Eles o encontraram porque já tinham acesso a esse local, que era espaço de busca de materiais para artesanato e outras atividades.

Como Juporiup falava e entendia um pouco da língua do branco, o padre pediu que ele escolhesse o local onde seria a aldeia, pois esse era um lugar que os Kawaiwete e os demais povos já percorriam, em busca de alimentos e materiais de artesanato. Além disso, o acesso era bem mais fácil.

A aldeia Tatuy deu forças para a luta da demarcação do território Apiaká-Kayabi, que levou alguns anos para ser registrada, reconhecida e demarcada. Diversos parceiros ajudavam nesse processo de demarcação, como CIMI, OPAN e Funai. Não foi fácil naquele tempo, mas com lutas e persistência, foi possível ocorrer a demarcação da Terra Indígena Apiaká/Kayabi.

Descrevo a forma como o senhor Luciano faz sua narrativa sobre a aldeia Tatuy, de como era naquele tempo e de quais famílias fizeram parte, logo de início, da abertura da aldeia:

– Me lembro que uma das primeiras casas construídas aqui na aldeia Tatuy ficava ali perto da beira do rio. Ela era toda de palha, e uma das casas era do capitão, assim como era chamado o cacique Francisco Juporiup.



Ilustração: Lucinda do Carmo Sirayup Kayabi (2023).

Na maioria das famílias Kawaiwete, todos moravam em casas bem grandes, chamadas de malocas. Aqui era mata bem fechada, e todo o trajeto feito por nós era pelo rio, muitas vezes de canoa, e também a pé.



Ilustração: Lucinda do Carmo Sirayup Kayabi (2023).

Como naquele tempo não havia energia elétrica, pescavam e caçavam somente para o consumo do dia ou manteavam a carne ou o peixe para durar por mais tempo. Como disse o ancião, essa não era cultura dos Kawaiwete, mas eles viram o seringueiro fazendo assim e começaram a praticar.

Lembra que, naquele tempo, quando matavam a caça, esta era dividida com todos os vizinhos ou até mesmo com as pessoas que moravam mais distante. Eram poucas famílias, e a forma de trabalho na aldeia sempre era no coletivo. Assim explicou:

– Quando faziam a roça, todos iam trabalhar juntos. Tinha a roça comunitária, que era para o consumo de todos da aldeia. Quando acabava todo o trabalho de derrubada e plantio, cada família vinha a ter sua roça também. Assim todos faziam a parte de ajudar a pessoa que estava precisando.



Ilustração: Lucinda do Carmo Sirayup Kayabi (2023).

As demais famílias que já estavam aqui no Rio dos Peixes moravam próximo ao rio, subindo rio acima.



Ilustração: Lucinda do Carmo Sirayup Kayabi (2023).

No início da aldeia, conforme relata o senhor Luciano, tinha muita fartura. Era tudo bem mais fácil e ficava mais perto da aldeia, em se tratando de caça, pesca, frutas silvestres e demais materiais de confecção de artesanatos. Ele também relembra as famílias que fizeram parte da abertura da aldeia Tatuy:

– Era essas pessoas que eu conheci e faz parte da história, tinha apenas cinco famílias, Família de Tumakai, Luiz Pedro, Maru, Simão Kuapan e Francisco Juporiup, mas moravam todas distantes umas das outras, e o capitão Francisco que ficava ali perto da beira do rio. Foi a família dele que iniciou a abertura da aldeia Tatuy.

Como não havia estrada naquele tempo, resolveram abrir uma. Começaram com uma abertura de uma picada, até chegar à

estrada que dava acesso a uma estrada principal, e que poderia acessar a cidade.

Ele dizia:

– Nós fazia ponte improvisada, tinha muito atoleiro, e uma dessas pontes que tem dentro da nossa área foi a que deu mais trabalho, devido a chuvas e enchia ali com a água do corgo. Para nós chegar a única cidade que era o Porto dos Gaúchos, ainda não tinha a cidade de Juara, levava um dia e meio, mas nós ia assim mesmo a pé, muita gente colaborou com essa estrada e atualmente temos uma estrada que tem um bom acesso, melhor do que antes.



Ilustração: Maicon Junior Jurukatu Kwasiari (2023).

Também na aldeia Tatuy, havia várias pessoas não indígenas. Eram austríacos que ajudavam e orientavam os Kawaiwete. Com a ajuda deles, fizeram a abertura de uma pista de avião na aldeia, e

todo o trabalho foi braçal. Não havia maquinário naquele tempo, então tudo foi feito na enxada, com foice, porque era mata alta.

A pista de avião era utilizada para trazer mantimentos de longe e, por muitas vezes, levar pacientes para a capital, Cuiabá, para fazer tratamentos de saúde.



Ilustração: Lucinda do Carmo Sirayup Kayabi (2023).

Foi assim que chegaram também as irmãzinhas na aldeia *Tatuy*. A Irmã Helvécia e a Irmã Conceição trabalhavam dando aula, e muitas coisas foram ensinadas por elas aos Kawaiwete. Além disso, elas atuavam ainda na enfermagem, não somente com os Kawaiwete, mas também com os austríacos e várias outras etnias que estavam na proximidade. Como as famílias eram bem poucas, com frequência faziam os trabalhos no coletivo.

9. SOBRE A ORGANIZADORA DESTE PRODUTO EDUCACIONAL



Sou Lucinda do Carmo Sirayup Kayabi, Kawaiwete, professora da Escola Estadual Indígena Juporijup, Graduada em Licenciatura em Letras (EAD pela UNINTER), atualmente mestranda pelo Programa de Pós-Graduação Intercultural Indígena PPGEII, da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), do campus de Barra do Bugres.

Nasci no dia 2 de agosto de 1990 e moro na aldeia Tatuy, lugar onde vivi minha infância, adolescência e, agora, minha fase adulta. De toda essa vivência, carrego comigo lembranças de quanto aproveitei todos esses momentos: brincar, tomar banho no rio, ouvir histórias, muitas vezes contadas pelos avós. Com o passar dos anos, isso se modificou bastante.

Sempre carreguei comigo a vontade de sentir a arte, de buscar novas inspirações, aprender sobre outro mundo. Agora descobri que meu mundo Kawaiwete também precisava ser mais conhecido.

Meu povo é Kawaiwete, sou Kawaiwete. Meu pai se chama José Ricardo Sirayup Kayabi, e minha mãe se chama Maria Suzana do Carmo Kunjajup. Minha irmã se chama Cristiane do Carmo Sirayup Kayabi, e meu irmão se chama Nilson do Carmo Sirayup Kayabi.

Quando pensei em escrever sobre as histórias do meu povo, isso foi muito gratificante, pois meus avós por parte de pai foram originários na Terra Indígena Batelão, onde nasceram e tiveram uma vivência. Meu avô se chamava Simão Kuapan e minha avó, Kunhaté Kayabi. Meu avô foi um dos grandes pajés do povo Kawaiwete, na aldeia *Tatuy*.

Meus avós maternos também nasceram e tiveram a vivência no Batelão. O nome do meu avô era Jurandir Jurani, e minha mãe diz que não o conheceu, mas falavam que ele também era pajé.

Minha avó se chama Katarina Katumait, a única dos meus avós que ainda vive, e atualmente está bem idosa. Ela carrega muitas histórias e fatos em sua memória, e sempre compartilhou seus conhecimentos.

Aqui também compartilho um dos momentos de registro com minha avó Katarina, pois sei que, em função da idade, muitas coisas ela já não se lembra mais.

Escrever as histórias narradas pelos mesmos avós, foi a parte que muito tocou meus sentimentos. Foi como se eu voltasse no tempo com eles. Assim, por várias vezes na pesquisa, a emoção tomou conta de mim.